

#cm

2

FIM DE SEMANA



'O Quebra-Nozes' e sua magia estão de volta ao Municipal

PÁGINA 5



Moreno Veloso leva canções do novo álbum ao Blue Note Rio

PÁGINA 10



Conheça opções de ceias de natal prontas para receber em casa

PÁGINA 16



Divulgação

Selton Mello num dos cartazes de divulgação desta versão nada sisuda de 'Anaconda' em que o brasileiro atua com Jack Black e Paul Rudd

'É hora de expandir fronteiras'

Selton Mello estreia em Hollywood no Natal, com nova (e debochada) versão de 'Anaconda' e prepara direção de longa sobre 'O Alienista', filme chileno e mais uma temporada de 'Sessão de Terapia' no streaming

RODRIGO FONSECA | Especial para o Correio da Manhã

Apostos, enfim, para realizar o sonho... antigo... de filmar (e protagonizar) "O Alienista", de Machado de Assis, no papel de Simão Bacamarte, o mineiro Selton Mello terá um 2026 dos mais agitados profissionalmente. Seu 2024 foi mágico, com a projeção mundial de "Ainda Estou Aqui", ganhador do Oscar em pleno carnaval deste ano, com 5,8 milhões de tíquetes vendidos só em solo nacional. Seu 2025 foi bombado também, à força dos 4,4 milhões de ingressos que ele e Matheus Nachtergaele venderam com "O Auto da Compadecida 2", de janeiro a março. Os próximos dois semestres podem ser igualmente movimentados para

o astro, que é imã de bilheteria. Ele tem uma nova temporada da série "Sessão de Terapia" para levar ao Globoplay. Será visto atuando em Espanhol em "La Perra", da diretora chilena Dominga Sotomayor. E vai comemorar os 20 anos de sua primeira experiência de ficção atrás das câmeras, o curta-metragem "Quando o Tempo Cair", hoje disponível na plataforma MUBI. Antes disso tudo, no dia de Natal, 25 de dezembro, o eterno Chicó promete mobilizar o circuito exibidor – o do Brasil e dos EUA – com sua estreia no cinemão de Hollywood: a nova versão de "Anaconda". Jack Black e Paul Rudd, astros com popularidade tamanho GG lá fora, estrelam a produção, que resgata o sucesso de bilheteria (trash como ele só) de 1997,

com Jennifer Lopez e Jon Voight. A cobra gigante das selvas amazonenses está de volta, mas em formato galhofa. "A coisa mais comovente para mim nesse projeto é o fato de eu ter passado toda a minha adolescência, dos 12 aos 20 anos, morando praticamente nos estúdios da Herbert Richers, dublando filmes de Hollywood, dublando Tom Hanks, Robert Downey Jr., Sean Penn, Griffin Dunne. Dublei todos pensando assim: 'É isso. Eu nunca vou furar essa tela e estar lá do outro lado'. Mas, como a vida é bonita, o mundo girou, e agora estou eu num filme de Hollywood. E o que eu fui fazer agora? Fui me dublar", conta Selton ao Correio da Manhã, numa entrevista via Zoom. **Continua na página seguinte**



Chelsea Gugliemond/FilmMagic

“Agora é o momento do ator e diretor que eu sou, e que já está consolidado no Brasil, dar um salto para fora...”

SELTON MELLO

‘Essa coisa de atuar e me dublar foi uma experiência mágica’

Quem cresceu nos anos 1990, ouviu muito desenho do Charlie Brown dublado por ele, que cedeu a voz a Josh Brolin em “Os Goonies” (1985). “Essa coisa de atuar em ‘Anaconda’ e também me dublar foi uma experiência mágica. A sensação era tipo assim: o dublador que venceu na vida. E isso é quase um outro filme, pois eu me senti vingando Newton da Matta, Mário Monjardim, Darcy Pedrosa... os grandes dubladores que me formaram como o ator que eu sou. Eu furei a bolha. Eu fui para lá também. É como se eu tivesse entrado televisão adentro e fui lá fazer um filme daqueles que eu dublava. Era uma mistura de emoções. Eu passei a adolescência inteira botando voz nos caras americanos. Agora

eu estou olhando para mim neles. É mágico isso”.

Dirigido pelo peruano Luis Llosa (primo do escritor Mario Vargas Llosa), o “Anaconda” dos anos 1990 custou US\$ 45 milhões e arrecadou US\$ 137 milhões, estabelecendo JLo como estrela das telas, para além de sua carreira como cantora. Ela integrava um grupo de expedicionários em busca de tesouros da fauna brasileira que eram atacados por uma serpente quilométrica... e cheia de fome.

Na releitura de 2025, dirigida por Tom Gormican, Doug (Jack Black) e Griff (Paul Rudd) são amigos de fé e irmãos camaradas desde crianças e sempre sonharam em refazer o filme favorito da vida deles: o “clássico” cinematográfico de Llosa. Quando uma crise de meia-idade baixa no ar, eles deci-

dem tentar e seguem para os confins da Amazônia para começar as filmagens. O personagem de Selton, Santiago Braga, manja de répteis e vai ajuda-los. Mas o bote que eles esperavam dar na própria sorte vai pro brejo depois que uma anaconda GG de verdade aparece, transformando o set caótico e cômico em um convite à morte.

“Eu trabalhei totalmente do zero. Aquele ‘Anaconda’ de 97, eu não vi na telona”, conta Selton. “Não era o tipo de filme de que eu gostasse, lá atrás, de ver no cinema. Então, esse ‘Anaconda’ que conhecemos, com a JLo, o Eric Stoltz e tudo mais, eu vi só na televisão, dublado, em pedaços, assim, ao longo da vida. Agora, quando o Tom Gormican veio com essa ideia muito original e muito interessante — e muito do estilo dele, vide seu filme (au-

torreferente) com o Nicolas Cage (chamado “O Peso do Talento”), eu embarquei totalmente. Ele traz essa coisa da meta... a metalinguagem... do filme dentro do filme. Esses caras são amigos que sonham em fazer um filme... naquela vida ali, meio mais ou menos. Eles falam: ‘Vamos fazer um filme. Mas vamos fazer o quê? ‘Anaconda’, do jeito correto. Ou seja, o jeito que acham que é o correto”.

Selton adianta que, na trama, Doug e Griff precisam de um roteiro... e de uma cobra. “Aí entra o meu personagem, Carlos Santiago, que é um personagem sensacional, daquele tipo que eu amo: é esquisito; é engraçado; fala absurdos, mas sem forçar a barra na comédia. Foi uma onda do Tom, e eu adorei. Eu lembro do Will Ferrell, quando penso nele. Will Ferrell é o mestre nisso: falar os maiores absurdos com aquela cara zero. E isso é o que eu estou fazendo com o Santiago. É tudo muito a sério. Ele tem a cobra: é o amor dele, é o seu amigo, é o seu irmão. É a coisa de que ele cuida há muito tempo. É um personagem que eu amei fazer”.

No momento em que emplacou uma trajetória como cineasta, com “Feliz Natal” (2008), “O Palhaço” (2011) e “O Filme da Minha Vida” (2018), Selton passou a ser visto como um nome em cheio para brilhar no exterior. O convite apareceu em meio aos elogios que colheu por sua atuação como o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva em “Ainda Estou Aqui”, hoje no ar no Globoplay. Cruzou com astros de peso em meio à campanha do longa de Walter Salles para as estatuetas da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

Acabou por lá.

“Trabalhar com o Jack Black e Paul Rudd... esses caras que eu admiro... pô, é uma honra. Tem aí o ‘Escola do Rock’... tem ‘Trovão Tropical’, que é meio um primo do nosso ‘Anaconda’ em algum lugar”, comemora Selton. “Tem a Thandie Newton em cena também... e o Steve Zahn, que está genial no filme”, celebra Selton.

A chance de “Anaconda” estourar lá fora é grande, assim como é alta a hipótese de a presença de Selton mobilizar plateias no Brasil, como ocorreu com seus longas recentes.

“Somando o ‘Ainda Estou Aqui’ com o ‘Auto 2’ foram mais de 10 milhões de espectadores no ano passado. Juntando... a gente está aqui, com sala cheias. Vamos ver como se comporta ‘Anaconda’, mas eu acho que as pessoas vão adorar. Tem esse atrativo de eu estar no filme. É um negócio que já cria uma expectativa. Fica todo mundo assim: ‘O que é isso? O que ele faz? Ele faz muito? Ele faz pouco? Ele morre? Ele não morre?’. A galera que é tipo Sherlock Holmes de trailer de cinema fica curiosas”, diz o ator. “O filme tem um monte de surpresa. É cheio de Easter eggs (jargão para referências cinéfilas). Ali, próximo dos créditos e até antes até deles, tem uma surpresa que ninguém está imaginando. Pós-credits também. Agora é o momento do ator e diretor que eu sou, e que já está consolidado no Brasil, dar um salto para fora... e atuar em inglês, atuar em espanhol, dirigir em inglês, dirigir em espanhol, sabe? É a hora de expandir as fronteiras — mantendo meus trabalhos no Brasil, sempre”.

Bastardo e inglório

o ataque a Paul Dano



Paul Dano em 'Le Mage du Kremlin', exibido no Festival de San Sebastián

Esculhambado por Quentin Tarantino, apesar do currículo impecável, ator ganha o carinho da classe artística, recebe convites e vê a HQ do Charada que escreveu subir de cacife

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Revelado aos holofotes há dez anos em “O Mundo de Jack e Rose” (2005), o nova-iorquino Paul Franklin Dano passou de promessa a certeza depois de viver o irmão caladão da “Pequena Miss Sunshine” (2006). Desde então, colaborou com cineastas de prestígio (Paolo Sorrentino, Ang Lee, Richard Linklater, Denis Villeneuve); viveu o pai de Steven Spielberg, em seu biográfico “Os Fablemans”; dirigiu um filme que abriu a Semana da Crítica de Cannes (“Vida Selvagem”); foi jurado lá mesmo, na Croisette; concorreu ao Globo de Ouro por “The Beach Boys: Uma História de Sucesso”; e teve, pelas vias da teledramaturgia, indicação dupla ao Emmy, o Oscar da TV, com “Sr. & Sra. Smith” e “Escape at Dannemora”.

Não bastasse isso, ainda brilhou na milionária seara das adaptações de HQ para a telona no papel do Charada, em “Batman” (2022), que faturou US\$ 770 milhões e ganhou a capa da revista “Cahiers du Cinéma”. Seu carinho pelo vilão dos mil enigmas levou-o a escrever um quadrinho sobre o personagem, lançado há pouco aqui pela Panini Comics, e transformado em best-seller. Apesar de tudo isso, Dano foi alvo de uma indelicadeza do diretor Quentin Tarantino, que o chamou de “o ator mais fraco do Screen Actors Guild”, o sindicato das estrelas nos EUA. A ofensa doeu em muita gente da classe artística, por soar injusta e, sobretudo, incongruente. Tudo começou quando Tarantino fez uma lista dos seus filmes preferidos do século e não colocou “Sangue Negro” (2007), de Paul Thomas Anderson, nas cabeças, alegando: “Há uma grande falha nele, e essa falha é Paul Dano. Ele é fraco, cara”.

Aos 41 anos, Dano estabeleceu para si uma das reputações mais sólidas de Hollywood entre os intérpre-



Dano na violenta representação do vilão Charada, em ‘Batman’ (2022)



Tarantino hostilizou o desempenho do ator ao lado de Daniel Day-Lewis em ‘Sangue Negro’

tes de sua geração, sem nunca estar ligado a polêmicas. Casado desde 2007 com a atriz e escritora Zoe Kazan, ele brilhou no último Festival de Veneza como protagonista de “O Mago do Kremlin”, de Olivier Assayas, que devassa a máquina de propaganda de Putin, apoiado num sólido desempenho de seu astro. Aliás, sempre que passa por festivais, Dano brilha, como se viu em 2024, quando esteve ao lado do comediante Adam Sandler, na Berlinale, na estreia mundial de “O Astronauta”.

“Aprender é parte essencial da vida”, filosofou Dano em Cannes, quando integrou o colegiado de jurados. “Foi graças a festivais de cinema que eu tive acesso a uma diversidade de filmes do mundo todo que ampliaram a minha compreensão do papel do artista no audiovisual. Foi uma honra ter aberto a Semana da Crítica de Cannes com ‘Vida Selvagem’. Um artista busca sempre legitimar sua busca por expressões da vida”, disse ao Correio.

Em virtude do binômio profissionalismo + talento, Dano ganhou apoiadores frente à grosseria de Tarantino, a começar por Daniel Day-Lewis, seu colega em “Sangue Negro”. A ele se juntaram Ben Stiller,

Matt Reeves, o realizador do recente “Batman”, e Alec Baldwin, que lançou ao expressar: “Se você não gosta de Paul Dano... (um gesto de silêncio com o dedo, a dizer “Cale-se!”).

A marola gerada por Tarantino trouxe bons frutos para Dano. No calor do debate, foi escolhido para se juntar ao casal Penélope Cruz e Javier Bardem no elenco de “Bunker”, thriller de Florian Zeller. Fora isso, a procura por “Charada: Ano Um” cresceu. Nesse exercício de Dano como quadrinista, assinando argumento e roteiro, a DC Comics revisita um de seus mais sombrios personagens na forma de um conto sombrio, desenhado por Stevan Subic. A trama explora toda a maluques do exótico criminoso de Gotham City, investigando a loucura que alimenta seus truques, sempre nas raias da violência. O Charada, no passado, tinha um tom galhofeiro. Esse espírito, outrora caricato, deu lugar à brutalidade, como visto na atuação memorável de Dano em “Batman”.

Tarantino também foi cruel com Matthew Lillard (o Salsicha dos filmes de “Scooby-Doo”) e com Owen Wilson, de “Meia-Noite em Paris” (2011). O que é dele está guardado...



Sandrine Kiberlain é um dos destaques do elenco de 'Vizinhos Bárbaros', um estudo sobre xenofobia na Europa

O método

Sandrine Kiberlain

Rosto símbolo da comédia no cinema francês atual, a atriz se destaca em solo carioca com 'Vizinhos Bárbaros', uma aula de ironia dirigida por Julie Delpy contra a xenofobia europeia

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Aplaudida há pouco, no Festival do Rio, com "O Acidente do Piano", Sandrine Kiberlain será um dos ímãs de público da edição de 2026 do fórum pro-

mocional Rendez-vous Avec Le Cinéma Français, agendado de 13 a 20 de janeiro em Paris. Vai estar lá com "Illustre inconnue", de Marc Fitoussi, que é esperado também para a disputa pelo Urso de Ouro da Berlinale, em fevereiro. Laureada duas vezes com o troféu César, por "Ter ou Não Ter" (1996) e "Uma Juíza Sem Juízo" (2014), Sandrine fez (e faz) fama como rosto símbolo da comédia francesa contemporânea, seja dramática ou romântica... ou seja ainda uma crônica de costumes das mais ácidas, como "Vizinhos Bárbaros" ("Les Barbares"), um dos destaques do Festival do Cinema Francês no Brasil.

O evento mobilizou o país nas duas últimas semanas. Essa produção, dirigida pela atriz Julie Delpy (de "A Igualdade É Branca"), é um de seus maiores sucessos. Rola sessão dela neste domingo, às 14h, no Estação NET Rio; na terça, às 18h30, no Est. NET Gávea; e na quarta, ali pelas seis e meia também, no NET de Botafogo da Voluntários da Pátria nº 35.

Sandrine é um dos destaques de um elenco pluralíssimo. A trama ironiza o bom-mocismo da política assistencial da França. No enredo, os cidadãos da Bretanha decidiram

“Tenho me empenhado em histórias que tragam uma afirmação da vida nesta era de medo”

por unanimidade aceitar refugiados ucranianos em troca de subsídios do governo. No entanto, em vez de receber uma leva de imigrantes da Ucrânia, a prefeitura local acolhe (por engano) imigrantes sírios, o que causa uma série de conflitos ligados a práticas de xenofobia.

"Situações de guerra sempre geram histórias atroz, mas também abrem brecha para causos de coragem", disse Sandrine ao Correio da Manhã, nas filmagens de "Vizinhos Bárbaros", em meio ao lançamento de "A Garota Radiante", seu primeiro longa como cineasta.

Aos 57 anos, Sandrine é uma das estrelas mais prolíficas de sua pátria na atualidade, sempre atenta a temas polêmicos da contemporaneidade, como os ranços xenófobos da Europa.

"Eu busco expressar vivências, sem jamais incorrer em caricaturas", disse a atriz ao Correio. "Na Histó-

ria do cinema francês, nós aprendemos com François Truffaut que a doçura é uma forma de falar de inquietações do nosso tempo. Busco filmes que encontrem uma forma doce de expor crises angústias".

Popularizada entre os cinéfilos brasileiros por "Betty Fisher e Outras Histórias" (2001) e "O Pequeno Nicolau" (2009), a atriz participou de fenômenos recentes da venda de ingresso como "Novembro – Paris Atacada", de Cédric Jimenez, visto em seu país por cerca de 2,3 milhões de pagantes, em 2022. Brilhou ainda no recém-lançado "Crônica de uma Relação Passageira", que saiu de Cannes com o status de cult. "Vizinhos Bárbaros" encontra o mesmo destino no Bafici, onde se firma como um ímã das plateias portenhas.

"Tenho me empenhado em histórias que tragam uma afirmação da vida nesta era de medo", disse San-

drine via Zoom.

Entre os rescaldos do Festival do Cinema Francês no Brasil que seguem entre nós, no sábado, às 18h30, no Estação NET Rio, rola "O Estrangeiro" ("L'Étranger"), de François Ozon. Há mais uma sessão neste domingo, às 18h30, na Gávea. Não se faz um painel coerente de estéticas francófonas sem o mais prolífico artesão audiovisual da língua de Balzac, que vendeu meio milhão de tíquetes, em duas semanas, com sua adaptação do romance homônimo de Albert Camus (1913-1960). "O Estrangeiro" (1942) foi adaptado para o teatro no Brasil no início dos anos 2000 e reconfigurou a carreira do ator Guilherme Leme Garcia. Já em 1967, tinha sido levado ao cinema por um mestre, Luchino Visconti (1906-1976), com Marcello Mastroianni (1924-1996) como protagonista. Agora é a vez de Ozon, que se apoia no carisma de Benjamin Voisin (com quem já trabalhara em "Verão de 85"), no papel de Meursault. Fiel a Camus, o seu "L'Étranger" decorre em Argel, em 1938, onde Meursault, um funcionário discreto e modesto na casa dos trinta, comparece ao funeral da mãe sem derramar uma lágrima. No dia seguinte, envolve-se num romance casual com uma colega, Marie, e retoma rapidamente a sua rotina, sem enfrentar o luto. Contudo, a sua vida quotidiana é logo perturbada pelo vizinho, Raymond Sintès, que o arrasta para os seus negócios obscuros — até que, num dia de calor extremo, ocorre um acontecimento trágico numa praia: a morte de um árabe. É um Ozon em ebulição.



Fotos/ Daniel Ebendiger/Divulgação

'O Quebra-Nozes' estreou em 1892 na Rússia e levou mais de quatro décadas para chegar ao ocidente e conquistar o mundo

O clássico natalino está de volta!

'O Quebra-Nozes' retorna ao Theatro Municipal reunindo ballet, coro e orquestra da casa

Estamos nos aproximando do natal e sua magia regressa ao Theatro Municipal com a montagem de "O Quebra-Nozes", de Tchaikovsky. A produção, que esgotou ingressos em todas as apresentações no natal passado, reúne os três principais corpos artísticos da instituição: o Ballet, o Coro Feminino e a Orquestra Sinfônica do TMRJ, sob a regência do maestro Felipe Prazeres.

A concepção e adaptação da montagem são assinadas por Hélio Bejani e Jorge Texeira, que partiram da versão clássica de Marius Petipa para criar uma narrativa que dialoga com a tradição centenária do balé e busca referências emotivas para atingir o público. A produção mantém a estrutura narrativa original, mas incorpora elementos cênicos e

coreográficos que amplificam a dimensão mágica e onírica da história.

"O Quebra-Nozes" estreou em 1892 na Rússia e demorou mais de quatro décadas para chegar ao ocidente, com sua primeira apresentação fora do país acontecendo apenas em 1934, no Sadler's Wells Theatre, em Londres. Desde então, tornou-se um dos balés mais montados em todo o mundo, especialmente durante a temporada natalina, consolidando-se como uma tradição que atravessa o tempo. A obra de Tchaikovsky combina a complexidade técnica da dança clássica com uma narrativa acessível, que transita entre o mundo real e o fantástico, criando um universo cênico que encanta tanto crianças quanto adultos.

Hélio Bejani, diretor do Ballet do Theatro Municipal, explica a concepção da montagem e seu objetivo de criar uma experiência



imersiva para o público. "Esta nossa versão foi pensada e elaborada para encantar, proporcionando momentos de paz, alegria e amor fazendo com que nosso público desligue de sua própria realidade e vivencie toda a emoção e magia que a época do natal nos traz", afirma o diretor.

O maestro Felipe Prazeres resalta a singularidade de cada apresentação, mesmo tratando-se de

uma obra com mais de um século de história. "O Quebra-Nozes" carrega uma tradição centenária, mas cada apresentação é nova. No Theatro Municipal, esse encontro entre música, dança e imaginação ganha uma energia especial. É uma obra que emociona crianças, adultos e toda a cadeia de artistas envolvidos", destaca. A partitura de Tchaikovsky, com suas melodias reconhecíveis e



Renato Mangolim/Divulgação

“É uma obra que emociona crianças, adultos e toda a cadeia de artistas envolvidos”

FELIPE PRAZERES

orquestrações sofisticadas, oferece desafios técnicos para os músicos ao mesmo tempo que cria uma atmosfera sonora que sustenta a narrativa cênica, estabelecendo um diálogo orgânico entre música e movimento.

A narrativa se passa em Nuremberg, na Alemanha, no final do século XIX, e conta a história de Drosselmeyer, um misterioso fabricante de brinquedos cujo sobrinho foi enfeitado pelo Rei dos Ratos e transformado em um boneco Quebra-Nozes. Na véspera de Natal, Clara, filha do prefeito da cidade, convence os pais a convidarem meninos do orfanato para a festa natalina da família. Durante a celebração, Drosselmeyer presenteia Clara com um quebra-nozes em forma de soldado. Após a festa, Clara adormece e é transportada a um mundo mágico, onde presencia uma batalha entre o boneco, que ganha vida, e o Rei dos Ratos. Com a ajuda de Clara, o quebra-nozes vence, quebrando o feitiço, e Drosselmeyer reconhece seu sobrinho Claus, um dos meninos do orfanato.

Drosselmeyer leva Clara e Claus em uma viagem pelo Reino das Neves e depois para o Reino dos Doces, onde a Fada Açucarada e seu Príncipe oferecem um espetáculo com danças mágicas, incluindo a Valsa das Flores. Após vivenciarem o Natal mais extraordinário de suas vidas, Clara e Claus são levados de volta para casa, prometendo manter a amizade e espalhar a magia do Natal.

SERVIÇO

O QUEBRA-NOZES

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia)
De 13 a 28/12, de quinta a sábado (19h) e domingos (17h)
Ingressos entre R\$ 20 e R\$ 90



Giovanna Aguirre é em 'Nixi Pae' um corpo-floresta que toma várias formas e mostra sua força pulsante

A floresta que sucumbiu ao asfalto

'Nixi Pae' celebra memória indígena e questiona apagamento histórico dos povos originários do Rio de Janeiro

Quando Giovanna Aguirre recebeu a palavra "Nixi Pae" em uma experiência pessoal de retomada de identidade indígena, não imaginava que aquele sopro ancestral se transformaria em espetáculo. O termo, que para o povo Huni Kuin do Acre e do Peru nomeia a bebida medicinal sagrada conhecida como Ayah-

uasca e significa "espírito da floresta" ou "cipó forte", tornou-se a chave para este ato político de resistência e reconexão com a ancestralidade que habita cada corpo e território. Com direção de Ruth Tapuya, "Nixi Pae: Encantos da Natureza", será apresentado no Centro Coreográfico da Tijuca neste sábado e domingo (13 e 14).

A proposta mergulha na cosmo-percepção indígena que faz do palco um portal no qual a bailarina atua como corpo-floresta, manifestando forças da natureza ao incorporar a jiboia, a onça, os guarás e a energia dos rios e encantados. A fusão de dança, música ao vivo e videoprojeções cria uma ambiência que evoca a encantaria, o fio invisível que integra céus, terra, águas, fogo e todos os seres vivos.

"Essa ponte cosmológica que é o eixo central do Nixi Pae revela que a floresta está reivindicando sua retomada, esse trabalho é uma ponte que ecoa as vozes e presenças da floresta. Esse sopro me impacta à medida que eu compreendo que

eu não deixei de ser floresta, mesmo vivendo na cidade, eu sou filha da floresta, o Nixi Pae chegou pra mim como um sopro dos meus ancestrais, para que meu corpo pudesse ser passagem e sopro, da força e beleza da floresta que também resiste à cidade", diz a criadora e intérprete.

O espetáculo questiona frontalmente o apagamento da história ao retomar a memória do povo Tupinambá, os verdadeiros donos do território que hoje chamamos de Rio de Janeiro antes da colonização. Esse recado político ganha força visual através das videoprojeções no corpo da bailarina, que exibem rostos de lideranças indígenas históricas e assassinadas, além de resgatar imagens de rios soterrados da cidade. A dramaturgia visual convoca a presença de cursos d'água que percorrem o país, como o Rio Amazonas e o Rio Juruna, mas também denuncia a violência contra rios cariocas como Quitungo, Carioca e Maracanã, transformados em valões e esgotos a céu aberto. "Para preservar precisamos conhecer e nos sentirmos

“É um chamado para voltarmos a sermos natureza, pisar mais suave na terra, respeitar as outras espécies e voltar a sermos a dimensão da totalidade, e não somente a dimensão do humano que devora tudo ao seu entorno”

GIOVANNA AGUIRRE

A montagem resgata o som da floresta através de músicos que criam ao vivo uma paisagem sonora que alimenta a dança e as projeções. "É, ainda, um chamado para voltarmos a sermos natureza, pisar mais suave na terra, respeitar as outras espécies e manifestações da vida, e voltar a sermos a dimensão da totalidade, e não somente a dimensão do humano que devora tudo ao seu entorno", afirma Giovanna.

A artista ressalta a importância de conectar povos indígenas, encantarias e sabedorias ao público urbano como forma de expandir a consciência sobre a existência de mais de trezentos povos indígenas que, mesmo diante do massacre e da colonização, ainda resistem no território chamado Brasil ou Pindorama. "Existem também muitas pessoas indígenas em contexto urbano, algumas não sabem ao qual povo pertencem, devido ao genocídio, as violências, mas seu espírito ancestral permanecem vivo. As artes são uma ferramenta poderosa de reconhecimento, conscientização e valorização das manifestações culturais, em suas diferentes vertentes", destaca.

Para a criadora, "Nixi Pae" é um lembrete de que, mesmo nas cidades, o espírito ancestral não foi morto, sustentando a força do grande espírito e a natureza viva onde quer que estejamos.

SERVIÇO

NIXI PAE: ENCANTOS DA NATUREZA

Centro Coreográfico da Tijuca (Rua José Higino, 115)
13 e 14/12, sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

pertencentes ao território que habitamos, compreender que somos parte de um bioma", explica Giovanna, que também projeta imagens de animais que habitavam a cidade do Rio de Janeiro e as regiões da Mata Atlântica, reacendendo a memória de um Rio de Janeiro Tupinambá.

CRÍTICA TEATRO | MÃES, O MUSICAL

POR CLAUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Ao reviver a maternidade tardiamente, Claudia Raia resolveu produzir “Mães, o Musical”, resultando num espetáculo de alta qualidade. Sue Fabisch assina texto, letra e música, repletos de inventividade e bom humor, com versão brasileira de Anna Toledo. Quatro amigas se encontram num chá de bebê para compartilharem as agruras e felicidades de serem progenitoras. A narrativa é sustentada por uma carpintaria, pela qual somos fisgados até o fim, onde Dani, grávida do primeiro filho, recebe conselhos de suas amigas, que já possuem experiências em lidar com filhos, trabalho, família, divórcio, emocionando e divertindo a audiência sem esforço.

Destaca-se a condução primorosa de Jarbas Homem de Mello, injetando vigor e dinamismo em marcas bem desenhadas. Experiência em musicais, abarca todo o espaço cênico engenhosamente. O diretor estabelece uma homogeneidade fabulosa no talento de suas intérpretes, em que o jogo desagua num timing categórico. Valoriza a dramaturgia em seu processo criativo, pelo qual o espetáculo é recheado de beleza e teatralidade.

As cantrizes instalam-se numa química radiante. Jéssica Ellen encontra delicadeza na insegurança de sua Dani, que está prestes para dar à luz e brilha intensamente quando canta “A



As cantoras e atrizes Jéssica Ellen, Helga Nemetik, Maria Bia e Giovana Zotti mostram-me cena uma química radiante

O paradoxo da maternidade

vez da vovó”. Maria Bia revela bom domínio cênico, descompensando nos lugares exatos com sua workaholic Júlia, adquirindo mais luminosidade ao interpretar

“Rainha do atacadão”. Ao cantarem “A criançada foi dormir” brilham-se em conjunto. Enquanto isso, Giovana Zotti sustenta com filigranas sua Márcia

dramática e comicamente, num carisma espantoso, agregando à cena magia ao ecoar “Mãe do Gabriel”, além de ótima desenvoltura corporal. Já Helga Nemetik,

encanta-nos com seu timbre encorpado, criando uma Tina exuberante, referta de ferramentas, sobrecarregando nossos corações ao entoar “Cada 15 dias”, com seus melismas virtuosos. Todas muito bem orquestradas por uma direção musical arrojada de Guilherme Terra e coreografias divertidas de Sabrina Mirabelli.

Natália Lana determina uma cenografia colorida, com ambientes múltiplos, ressaltando a espacialidade. Bruno Oliveira veste o elenco com muito bom gosto, num destaque para o figurino todo branco rabiscado ao final. A luz de Wagner Freire é intensa, com moving lights auxiliando à dinâmica dos números musicais, favorecendo a delicadeza nos momentos certos, como a invasão reluzente no vitrô à esquerda do palco.

“Mães, o Musical” é comédia tomada por afeto e coloca-nos em ponderações de como nossas mães doam-se por nós, abrindo mão da própria existência, mesmo diante das chantagens emocionais, mas num amor infinito, do qual não podemos abrir mão e que devemos reverenciá-lo até o último afago.

SERVIÇO

MÃES, O MUSICAL

Teatro das Artes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Loja 264)
Até 14/12, sexta e sábado (20h) e domingo (18h)
Ingresso entre R\$ 25 e R\$ 190

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Vínculos afetivos

Natália do Vale e Herson Capri celebram cinco décadas de trajetória artística com “A Sabedoria dos Pais”, de Miguel Falabella, em cartaz no Teatro Vanucci até domingo (14). A montagem acompanha um casal que, após 35 anos juntos, decide se separar e busca reconstruir a vida durante uma década. A narrativa explora amadurecimento, recomeços e as memórias familiares que moldam suas escolhas. Falabella assina também a direção do espetáculo, que reflete sobre vínculos afetivos e as transformações ao longo do tempo.



Pluridade de vozes

Com direção de Isadora Krummenauer e atuação de Paula Furtado, “Aleito” encerra domingo (14) sua temporada no Espaço Cultural Sérgio Porto até 14 de dezembro. A montagem aborda o envelhecimento feminino e a invisibilidade da mulher no ambiente familiar e doméstico. A protagonista é retratada como alguém vibrante que gradualmente se torna esquecida por outros e por si mesma. A dramaturgia de Lane Lopes reúne narrativas de diversas mulheres, deslocando contradições do espaço privado para o debate público.



Contra as convenções

Vencedora dos prêmios Shell RJ e APTR de Melhor Direção em 2019, além de Melhor Cenário, a peça “Nastácia” segue temporada no Teatro Poeira até o dia 17. Escrita por Pedro Brício, a trama acompanha Nastácia (Flávia Pyramo), que na noite de seu aniversário deve anunciar casamento arranjado pelo oligarca Totski (Paulo Giannini). Em ato de rebeldia, a jovem rejeita a proposta e atira na lareira o dinheiro oferecido pela família do noivo Gania (Márcio Nascimento). Direção de Miwa Yanagizawa.

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

FÁBIO JR.

✳O projeto “Bem Mais Que os Meus 20 e Poucos Anos”, que está viajando por todo o Brasil, chega ao Rio fazendo uma leitura da carreira do cantor e compositor num show repleto de surpresas e seus sucessos obrigatórios. Sáb (13), às 21h30. Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000). A pártir de R\$ 95

THIAGUINHO

✳A turnê da maior roda de pagode do Brasil está chegando ao fim. O cantor e sua banda fazem a primeira apresentação que marca o encerramento do ano comemorativo de 10 anos do projeto “Tardezinha”. Sáb (13), 13h. Parque Olímpico (Av. Embaixador Abelardo Bueno, 3401 - Barra Olímpica). A partir de R\$ 245

INFORMATION SOCIETY

✳A banda nova-iorquina é pioneira na fusão entre som, imagem e tecnologia e volta ao Brasil em tour com seus maiores sucessos. Thea Austin from Snap e Noel completam a noite com muitos hits dançantes. Sex (12), às 21h30. Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000). A pártir de R\$ 145

TZ DA CORONEL

✳O rapper carioca apresenta show de sua nova turnê que une tecnologia, artes visuais contemporâneas e uma narrativa sobre sua trajetória pessoal. Sáb (13), a partir das 20h. Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa). A partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

BENINCASA

✳Cantor e compositor carioca apresenta ao público, em primeira mão, as canções nascidas em seu quarto. Seu violão, passeia entre ritmos – do folk à MPB e do indie rock à bossa nova – misturando vertentes da cultura brasileira. Sex (12), 19h. Audio Rebel (Rua Visconde Silva, 55 – Botafogo). R\$ 40 e R\$ 30 (antecipado)

JOVENS ATEUS

✳A banda paranaense, formada em Maringá, apresenta o show de seu álbum de estreia, trabalho que seus integrantes gostam de definir como uma evolução do pós-punk oitentista. Sáb (13), às 18h30 e 20h30. Audio Rebel (Rua Visconde Silva, 55 – Botafogo). R\$ 40



Thiaguinho



Entre: Bombas, Balas, Confetes e Serpentinhas

ALAFIÁ JAZZ CLUB

✳O quarteto promete uma noite especial de muito jazz, mas sem abrir mão daquele tempero brasileiro. Dom (14), às 20h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 60

MIRANDA KASSIN

✳A cantora especializada em Amy Winehouse apresenta tributo em formato acústico no qual soul da saudosa diva britânica se encontra com a latinidade de violões e percussão. Sex (12), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

AMANDA & OS BRAVOS

✳Um passeio pela história da Bossa Nova e do Sambalanço através da obra de Marcos Valle, Jobim, Baden Powell, João Donato e Orlandivo, entre outros. Sex (12), às 20h30. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37). R\$ 60

LIA PARIS

✳A cantora presta homenagem a Édith Piaf (1915-1963), interpretando clássicos de seu repertório como “La Vie en Rose” e “Je Ne Regrette Rien” com arranjos originais. Sex (12), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60



Jovens Ateus

CONCERTO DE NATAL

✳Os Coros de Câmara e Sinfônico da Associação de Canto Coral apresentam peças natalinas. Sáb (13), às 18h30. Paróquia N. S. do Perpétuo Socorro (Pç. Edmund Rêgo 27, Grajaú). Grátis

TEATRO

O ADMIRÁVEL SERTÃO DE ZÉ RAMALHO

✳Musical peça explora o cancionista de Zé Ramalho e sua literatura. Até 14/12, sex (19h), sáb e dom (17h). Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes s/nº). R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

O MOTOCICLISTA NA GLOBO DA MORTE

✳Monólogo com Du Moscovis aborda o limite entre civilidade e barbárie. Até 14/12, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. J. Batista, 104). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

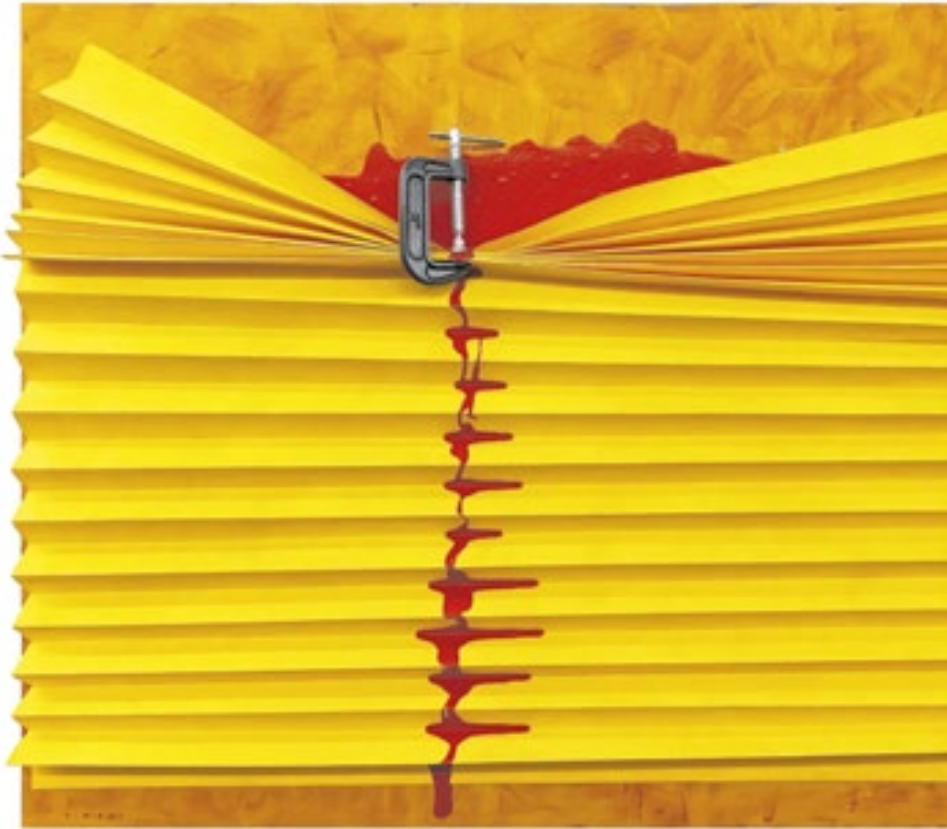
ENTRE BOMBAS, BALAS, CONFETES E SERPENTINAS

✳A montagem revisita o período da ocupação militar de 2014 no complexo de favelas da zona norte. Até 14/12, sex a dom (19h30). Teatro Museu da Maré (Avenida Guilherme Maxwell, 26, Morro do Timbau). Grátis

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Henrique Luz/Divulgação



Geometria Visceral

Dan Debortoli/Divulgação



Chuva na Caatinga

Dan Debortoli/Divulgação



Amanda Bravo

Dan Debortoli/Divulgação



De perto ninguém é normal

O SOM QUE VEM DE DENTRO

✱A relação de uma professora com câncer em estágio avançado e um jovem escritor desajustado. Até 14/12, sex e sáb (19h) e dom (18). Teatro Glaucê Rocha (Av. Rio Branco, 179). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

QUEBRANDO PARADIGMAS

✱Lucas Popeta apresenta solo sobre resistência, arte e representatividade. Até 21/12, qui a dom (19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

DE PERTO NINGUÉM É NORMAL

✱Comédia acompanha a saga de um grupo teatral na noite de estreia de um espetáculo. Até 21/12, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Caixa Cultural - Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230). A partir de R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

EXPOSIÇÃO

FRANS KRAJCBERG - UMA SEMÂNTICA DA DEVASTAÇÃO

✱Mostra repune 38 trabalhos do pintor e escultor polonês que, já nos anos 1970, denunciava de forma contundente os riscos ambientais do planeta. Até 1/2, ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38). Grátis

GEOMETRIA VISCERAL

✱Panorama da produção recente de Gilberto Salvador que marca o retorno do artista paulistano aos espaços expositivos cariocas. A mostra reúne cerca de 40 trabalhos entre pinturas, esculturas e vídeos. Até 1/3/2026, terça a dom e fer (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV de Novembro, 48, Centro). Grátis

IRIDIUM

✱A ceramista paulista Débora Mazloum apresenta na cidade suas "cerâmicas paramagnéticas", criadas a partir de misturas de materiais como argila, metais ferrosos e magnetita. Até 10/1, qua a sáb (12h às 17h). Abapirã (Rua do Mercado, 45 - Centro). Grátis

INFANTIL

CHUVA NA CAATINGA

✱Espetáculo infantojuvenil baseado no universo criativo do cartunista Henfil. As tirinhas dos personagens Graúna, Zeferino e Bode Orelana são o ponto de partida de um espetáculo que prega a esperança. Até 1/2/2026, com interrupção entre 22/12 e 16/1, sáb e dom (16h). Teatro III do CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



O Motociclista no Globo da Morte

Caroline Bittencourt/Divulgação



Um dos destaques do álbum é a faixa 'A Donzela se Casou', que reúne Caetano, Bethânia e seus irmãos

Mesmo quando o mundo diz o contrário

Moreno Veloso mostra no Blue Note Rio as canções de 'Mundo Paralelo', álbum que reconecta o artista às suas raízes baianas

AFFONSO NUNES

Moreno Veloso volta ao palco intimista do Blue Note Rio neste sábado, às 20h e 22h30, desta vez para mostrar as canções de "Mundo Paralelo" (2024), seu álbum mais recente. O trabalho marca o reencontro do artista com suas origens baianas.

Em entrevistas recentes, o filho mais velho de Caetano Veloso explicou que a faixa-título, composta em parceria com Carlos Rennó e Tiganá Santana, representa "a beleza que vem da alegria, da dança, da música, da cultura negra de Salvador". É uma homenagem direta ao bloco afro Ilê Aiyê e à ladeira do Curuzu, no bairro da Liberdade, onde o artista encontrou inspiração para construir essa visão de um mundo mais bonito, mais alegre.

O álbum se esmera em projetar positividade e felicidade, ainda que o entorno imediato estivesse nesta mesma vibração. Essa, porém, foi a resposta criativa do artista aos tempos difíceis que vimenos durante a pandemia de covid-19, período em que o disco foi inicialmente concebido.

Gravado ao longo de dois anos entre Lisboa e Rio, o álbum nasceu em estúdios caseiros e contou com uma rede de colaboradores que reflete a trajetória de Moreno desde "Máquina de Escrever Música" (2000), seu elogiado disco de estreia ao lado de Domenico Lancellotti e Alexandre Kassin. O núcleo principal das gravações foi o estúdio Cave, no porão da casa de Lancellotti em Lisboa, onde

seis das dez bases foram criadas com Ricardo Dias Gomes, Rodrigo Bartolo e Pedro Sá. De volta ao Rio, o trabalho ganhou contribuições de Kassin, Alberto Continenino, Luís Filipe de Lima, Bruno Di Lullo, Thiago Queiroz, Stephanie Sanjuan, Paulo Mutti e Jaques Morelenbaum, entre outros.

As participações vocais trazem momentos especiais. Tiganá Santana divide os vocais na faixa-título, Nina Becker empresta sua voz a "Um Dois e Já", e o samba de roda "A Donzela se Casou" reúne a família Veloso em uma gravação que mescla as vozes de Maria Bethânia, Caetano Veloso, Zeca e Tom Veloso. Sobre essa herança familiar, Moreno foi direto na mesma entrevista ao Globo: "Não acho banal ser filho

do meu pai, sobrinho da minha tia. Não dá para normalizar". A declaração revela a consciência do artista sobre o peso e a singularidade de suas raízes, sem que isso o impeça de trilhar caminhos próprios.

O repertório equilibra composições novas e antigas. As parcerias com Quito Ribeiro, "Presente de Natal" e "Vista da Janela" — esta última iniciada em 2002 —, dividem espaço com a única regravação do disco: "Deixe Estar", de Marina Lima e Antonio Cicero, originalmente lançada em 1998 no álbum "Pierrot do Brasil".

"Mundo Paralelo" consolida Moreno como um artista que não se prende a expectativas externas. Em entrevista ao Terra, ele revelou que queria que o disco fosse mais dançante, uma promessa feita a si mesmo durante o isolamento.

SERVIÇO

MORENO VELOSO - MUNDO PARALELO

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
13/12, às 20h e 22h30
Ingressos a partir de R\$ 60

Na fogueira da criatividade

Chico Chico leva seu arrojado e ambicioso 'Let it Burn / Deixa Arder' ao Rival Petrobras neste fim de semana

Num dos momentos mais potentes de sua promissora carreira, Chico Chico leva ao Teatro Rival Petrobras neste sábado e domingo o show da turnê "Let It Burn / Deixa Arder", que leva o nome de seu terceiro álbum de estúdio, lançado em outubro pela gravadora Deck.

Numa aposta ousada em tem-

pos de singles e EPs, o cantor e compositor carioca reuniu 20 faixas, num trabalho de fôlego, entrega e experimentação que não se deixa encaixar em estilos pré-definidos. Sua atmosfera elegante e ardente mistura rock, música eletrônica e ritmos da cultura popular brasileira. Chico tem lenha para queimar.

Zabenzi/Divulgação



Chico Chico vem construindo uma carreira de respeito que se reforça neste novo álbum

Das 20 faixas do álbum, 16 são composições autorais, incluindo parcerias e uma canção de Sal Pessoa, "Na Minha Idade". Produzido por Pedro Fonseca, parceiro de longa data, o disco se recusa a permanecer num único lugar. "Esse é um disco muito diverso, então cada música que o Chico me apresentava eu tinha uma ideia bem distinta de arranjo e busquei ser fiel a cada gênero, usando instrumentações apropriadas para cada um deles", comenta o produtor.

No repertório, Chico Chico resvala para o lado romântico em "Tanto Pra Dizer", "Tempo de Louças". A faixa-título evoca o Dixieland Jazz. Também explora influências do blues em "Two Mother's Blues", da milonga em "Lu-

garzinho", do groove brasileiro em "Hora H" e do gospel em "Acaso Inevitável". Há ainda as delicadas "Canção de Ninar" e "Rita e Luísa". No show, revisita clássicos em novas leituras: "Vila do Sossego" (Zé Ramalho), "Girl From The North Country" (Bob Dylan) e "Four and Twenty" (Stephen Stills), do repertório de Crosby, Stills, Nash & Young. Chico é Chico é pródigo em referências e bebe das melhores fontes. (A.N.)

SERVIÇO

CHICO CHICO - LET IT BURN / DEIXA ARDER

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33)
13 e 14/12, sábado (19h30) e domingo (19h)
Ingressos a partir de R\$ 60

Rock nas alturas

Noites de Verão do Morro da Urca recebe Raimundos e CPM22 neste sábado



Bandas referência do rock brasileiro a partir dos anos 1990, Raimundos e CPM22 (no alto) levam seus sucessos ao incônico Morro da Urca neste sábado

AFFONSO NUNES

O verão carioca ganha novo ponto de encontro musical com o projeto “Noites de Verão 2025/26”, que une música, paisagem e experiências únicas no Morro da Urca. Neste segundo fim de semana da programação, o palco recebe neste sábado (13) duas das mais importantes bandas do rock brasileiro: CPM 22 e Raimundos, ambas ce-

lebrando marcos significativos em suas trajetórias. O CPM 22 comemora 30 anos de carreira com uma turnê especial que percorre o Brasil, enquanto os Raimundos apresentam a tour “Raimundos XXX”, com promessa de uma noite recheada de clássicos da banda.

A apresentação no Morro da Urca representa a realização de um sonho antigo para Digão, líder dos Raimundos. “Desde que frequento o Rio, ouço falar dos shows no Morro da Urca e era um sonho meu tocar lá! Agora se tornou uma

realidade e estou na melhor das expectativas! Vamos apresentar a nossa tour ‘Raimundos XXX’ onde intercalamos as músicas novas com os clássicos. Vai ser épico, fora da curva!”, declarou o vocalista da banda brasileira famosa pela mistura de rock com forró que produziu hits absolutos como “Puteiro em João Pessoa”, “Selim” e “Eu Quero Ver o Oco”.

Já o CPM 22 sobe o morro em plena celebração de suas três décadas de carreira. A banda paulistana acaba de lançar o single “30

Anos Depois”, uma homenagem à própria trajetória e à conexão construída com o público ao longo dos anos. Com letra de Badaui e Luciano, a faixa reflete sobre a jornada do grupo desde os primeiros acordes no underground paulistano até os grandes palcos do país. “A letra dessa música nasceu de um texto que eu escrevi. O Luciano deu forma e lapidou a letra para que a gente pudesse contar essa história de um jeito mais direto”, relembra Badaui. Luciano lembra que a melodia surgiu de

forma orgânica durante uma viagem. “A ideia de fazer uma música em comemoração aos 30 anos da banda existia desde o ano passado, mas o processo de desenvolvimento começou há uns três ou quatro meses”, explica.

A turnê comemorativa do CPM 22 está percorrendo o Brasil levando aos fãs clássicos como “Dias Atrás”, “Regina Let’s Go” e “Tarde de Outubro”, entre outros sucessos que definiram o som da banda ao longo de três décadas. Um dos momentos mais marcantes dessa celebração foi a apresentação no festival The Town, em setembro, que reuniu uma multidão e reafirmou o poder e a relevância do grupo no rock nacional.

SERVIÇO

NOITES DE VERÃO 2025/26 – CPM 22 e RAIMUNDOS

Morro da Urca (Praça General Tibúrcio) | 13/12, a partir das 22h (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 160

Um cronista de língua afiada

Djonga volta ao Rio para lançar seu oitavo álbum nesta sexta no Circo Voador

O rapper mineiro Djonga apresenta pela primeira vez no Rio seu oitavo trabalho, “Quanto Mais Eu Como, Mais Fome Eu Sinto!”, nesta sexta-feira (12), no Circo Voador. A abertura da noite fica por conta de Afrodite BXD, que traz sua mixtape “Vibes”. Os portões abrem às 20h e os ingressos já estão esgotados.

Com duas indicações ao Grammy Latino - Melhor Álbum de Rock ou Música Alternativa em Língua Portuguesa e Melhor Interpretação Urbana em Língua

Portuguesa -, o novo álbum de Djonga reúne 12 faixas nas quais o rapper entoa rimas de dor, desconforto e escassez, mas também de resiliência, amor e prosperidade. Com uma trajetória cada vez mais sólida na cena brasileira, Djonga é um cronista do tempo presente, que lança seu olhar sensível e crítico sobre as contradições brasileiras. Com produção de Coyote Beatz e Rapaz do Dread, parceiros de longa data, o disco mantém a essência do artista: direto, provocador e sem medo de expor feridas. Assim é Djonga.

A faixa mais celebrada do álbum é “Demoro a Dormir”, com participação de Milton Nascimento, que rendeu aos dois uma indicação ao Grammy Latino. Ouro expoente da música mineira, Samuel Rosa, faz

duo com o rapper em “Te Espero Lá”. Los Hermanos, RT Mallone e Dora Morelenbaum completam a lista de colaborações do trabalho.

Aos 24 anos, Afrodite BXD representa a nova geração do rap brasileiro. Sua mixtape “Vibes” explora desde o rap cru até influências de afrobeat, R&B e melodias urbanas, consolidando-a como uma das vozes mais representativas da Baixada Fluminense na cena nacional. (A. N.)

SERVIÇO

DJONGA - QUANTO MAIS EU COMO, MAIS FOME EU SINTO

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº - Lapa)
12/12, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos esgotados



O novo álbum de Djonga tem a participação de Milton Nascimento e Samuel Rosa, entres outros

Maria Rita e Diogo Nogueira são os convidados desta semana do Batuke do Pretinho, a roda de samba que vem agitando o Vivo Rio

AFFONSO NUNES

Passando agora a acontecer nos domingos, o Batuke do Pretinho vem reunindo a cada semana, na varanda do Vivo Rio, uma multidão de apreciadores do samba numa roda de muita categoria e sempre com convidados do primeiro time da MPB. Desta vez o cantor, compositor, multi-insntrumentista, arranjador e produtor recebe Maria Rita e Diogo Nogueira, artistas com quem mantém fortes vínculos pessoais e profissionais.

Cria da Madureira, Pretinho da Serrinha é um dínamo do samba. Mestre de bateria do Império Serrano desde os 10 anos, é uma força da natureza. Sua habilidade no cavaquinho e como composi-



Maria Rita é uma das convidadas de Pretinho da Serrinha neste domingo na varanda do Vivo Rio

Tem batuque na varanda

tor o levou a parcerias com Seu Jorge, Marisa Monte e Xande de Pilares. Ele não só toca, mas produz álbuns que revitalizam o pagode e o samba, como “Xande

Canta Caetano” (2023), que lhe rendeu mais um Grammy. No Batuke do Pretinho, ele comanda rodas que começaram na praia de Copacabana em 2021, atraindo

multidões e convidados ilustres.

Filha de Elis Regina (1945-1982) e intérprete de um samba intimista e sofisticado, Maria Rita encontrou em Pretinho um parcei-

ro frequente. Uma das colaborações mais emblemáticas é o álbum “Amor e Música” (2018), produzido por Pretinho, que conquistou o Grammy Latino de Melhor Álbum de Samba/Pagode. Estimulada pelo amigo, Maria estreou como compositora no EP autoral “Desse Jeito” (2022), que teve Pretinho como arranjador e produtor, reforçando ainda mais esses laços.

Com Diogo Nogueira, filho do inesquecível João Nogueira (1941-2000, a conexão é igualmente robusta, ancorada em rodas de samba e na herança do gênero. Os dois se unem frequentemente em apresentações ao vivo, como no programa “Samba na Gamboa” (TV Cultura), quando Diogo recebeu Pretinho e Zé Luís do Império para homenagear a comunidade da Serrinha. Juntos, eles cantaram em eventos como o Samba da Serrinha, reinterpretando sambas que falam de resistência e da alegria das populações periféricas.

No Batuke, essa trinca de bambas tem fôlego para fazer a alegria dos frequentadores deste projeto tão relevante para a identidade carioca.

SERVIÇO
BATUKE DO PRETINHO
COM MARIA RITA E DIOGO NOGUEIRA
Vivo Rio (Av. Infante D. Henrique, 85 - Parque do Flamengo)
14/12, às 18h
Ingressos: R\$ 230 e R\$ 115 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Em honra do legado jobiniano

Marcelo Cebukin apresenta neste domingo (14), às 19h, show em homenagem a Tom Jobim no Blue Note Rio. O multi-instrumentista, compositor e arranjador traz repertório com choro, jazz e canção brasileira. Reconhecido pela versatilidade e presença em gravações com grandes nomes da música, Cebukin propõe releitura da obra jobiniana com foco em lirismo, improvisação e arranjos sofisticados.



Divulgação

Repertório intimista no Brigitte Blair

Nay Porttela leva neste domingo (14) ao Teatro Brigitte Blair show intimista de piano e voz. Seu repertório inclui “Beija-flor”, com mais de 1 milhão de reproduções, “Bahia com H” e composições de seus álbuns “Alvorada”, “Garoa” e “Viradela”. A cantora apresenta releituras de canções autorais com influências de Nara Leão, Tom Jobim, Astrud Gilberto, Maria Bethânia e Caetano Veloso.



Rodolfo Ruben/Divulgação

Na batida da bossa à moda italiana

Francesca Lo Cicero apresenta o espetáculo “Bossa é Massa” no Palácio da Música nesta sexta-feira (12), às 20h. O espetáculo reúne canções italianas inspiradas na Bossa Nova e composições brasileiras em versão italiana. A cantora italiana é acompanhada pelo guitarrista napolitano Massimo Deda, o sopros Breno Hirata e o percussionista Léo Cortez.



Divulgação

A maranhense que caiu nas graças do samba

Com as bençãos do povo de rua, a maranhense Rita Benneditto apresenta seu “Samba de Benneditto” no Teatro Rival Petrobras nesta sexta (12), às 19h30. O espetáculo percorre vertentes do gênero, com repertório que inclui clássicos de Dorival Caymmi, Jovelina Pérola Negra, Dona Ivone Lara, Jorge Ben Jor e Luedji Luna, além de composições autorais como “Rainha do Candomblé” e “7 Marias”.



Thais Gallart/Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tem dez anos, cravados no calendário da saudade, que o paraibano Walter Carvalho presidiu o júri da *Première Brasil*, coroando “Boi Neon” com o troféu Redentor na maratona cinéfila que ele arrematou com uma aula em forma de longa-metragem. “Um Filme de Cinema” (2015) fez sua primeira exibição pública naquele Festival de Rio, numa sessão vespertina no Cinépolis da Lagoa (que fechou, mas faz uma falta danada). Pouco se sabia acerca dessa produção, fora o fato de que Walter reunia, no decorrer de sua narrativa, conversas com muitas vozes autorais com que havia trabalhado na condição de diretor de fotografia – quiçá o mais respeitado deste país no século XXI. Não se esqueça de que ele fotografou “Lavoura Arcaica” (2001) e “Central do Brasil” (Urso de Ouro de 1998). Fez ainda “Amarelo Manga” (2002), que brilhou em festivais como a Berlinale.

Naquela altura da *Première* 2005, o fotógrafo e cineasta egresso da Paraíba trazia já em seu currículo experiências como realizador, na ficção (“Budapeste”, de 2009) e no documentário (“Moacir Arte Bruta”). Mas com aquele curso de narrativa audiovisual que exibiu no complexo da Lagoa, seu status na direção foi para outro patamar, que pode ser apreciado na madrugada desta segunda, na televisão aberta, na emissora educativa, a TV Brasil.

“Um Filme de Cinema” passa na virada de domingo (14/12) para o dia 15, à 0h45. Sua inclusão na grade do canal faz parte da diretoria que a atual diretora de Conteúdo e Programação da EBC (Empresa Brasil de Comunicação, responsável pela grade), a escritora Antonia Pellegrino, tem dado para o cinema. De olho na renovação de gerações cinéfilas, ela levou para a TV Brasil joias (sobretudo nacionais) de fazer inveja a muito streaming de prestígio (e mensalidade salgada). Embora prestigie títulos premiados em Cannes (como “Drive”, de Nicolas Winding Refn) e ganhadores de Oscars (como “Blue Jasmine”, com Cate Blanchett em trocas com Woody Allen), a atual grade cinéfila que Antonia arquitetou celebra a autoralidade de nosso cinema dia após dia, em horário nobre. Daí a presença de um Carvalho que não verga, como Walter.

“Na distância entre aquilo que se vê e aquilo se deduz reside uma certa poesia que a gente chama de cinema”, explicou o realizador e artista visual ao Correio da Manhã.

Ele saiu atrás de desabafos de realizadores icônicos por sua transgressão às cartilhas narrativas da indústria do audiovisual, como a argentina Lucrecia Martel



Walter Carvalho estreou o doc. ‘Um Filme de Cinema’ no Festival do Rio em 2015

Plano é poema quando cai na tela

“Na distância entre aquilo que se vê e aquilo se deduz reside uma certa poesia que a gente chama de cinema”

WALTER CARVALHO

TV Brasil resgata um documentário lançado há dez anos por Walter Carvalho que analisa o olhar de vozes autorais do audiovisual sobre a arte de filmar

(de “O Pântano”), o húngaro Béla Tarr (“Cavalo de Turim”), o americano Gus Van Sant (“Elefante”), o mezzo moçambicano mezzo carioca Ruy Guerra (“Veneno da Madrugada”) e os brasileiros Julio Bressane (“O Anjo Nasceu”), Claudio Assis (“Baixio das Bestas”) e Karim Aïnouz (“Madame Satã”). Em sintonia com esse povo, “Um Filme de Cinema” assume como tema o plano: a me-

nor partícula estética de uma obra fílmica. O objetivo de Walter é compreender como tal elemento essencial à linguagem cinematográfica foi sendo barateado pelo mercado, buscando registrar análises de cineastas que ainda preservam a sua pureza.

A gestação desse longa coincidiu com um período intensivo de trabalho de Walter, numa época em que ele fotografou para Selton

Mello (“O Filme da Minha Vida”), José Luiz Villamarim (“Redemoinho”) e Murilo Benício (“O Beijo no Asfalto”). Paralelamente a suas parcerias com tais criadores, ele dirigiu “Manter a Linha da Cordilheira Sem o Desmaio da Planície”, no qual aborda o processo de fazer literário do poeta Armando Freitas Filho (1940-2024).

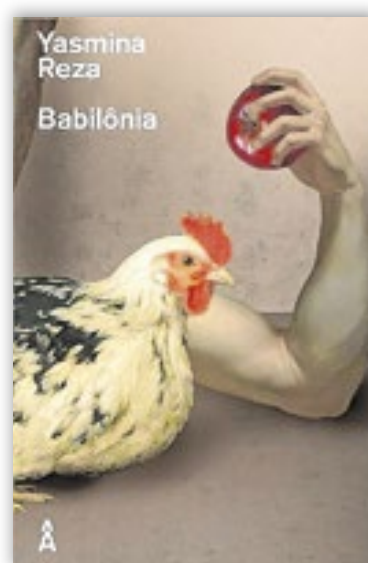
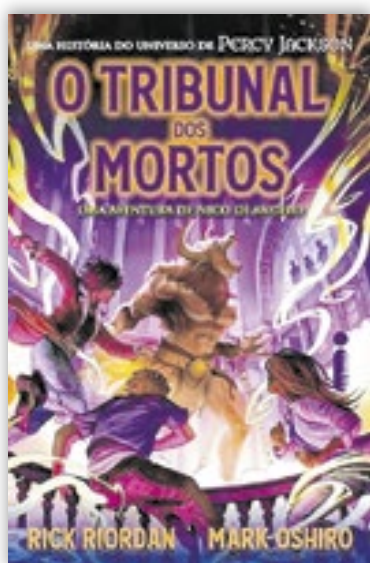
Existe um dispositivo clássico de escuta no cerne da estrutura

de “Um Filme de Cinema”, a partir do qual são bem-vindas digressões sobre a Óptica, sob parâmetros da Física, em sua aplicação na dramaturgia, por meio de uma propriedade poética chamada cinemática. Nessa escuta, temos pérolas, como a forma de Tarr pensar a posição do ator num set, diante do que a câmera investiga. Somos brindados ainda com fofocas, como a piadinha de Lucrecia sobre a atriz da série “Friends” (e de bons filmes) Jennifer Aniston. Para além do que ouvimos, Walter consegue transcender a palavra e expor uma natureza experimental, que marca sua identidade autoral como realizador, investigando potências criativas de artistas. Seu apogeu nesse processo é “Iran” (2017), que poderia, muito bem, ser presenteado ao público da TV Brasil qualquer dia desses.

CRÍTICA LIVROS

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Então é (quase) Natal



Dezembro está quase pelo meio, já. O mês só perde em brevidade para fevereiro, quando, felizmente, os dias festivos do Carnaval não obrigam ninguém a enfrentar a maratona de compras natalinas. Entre viveres para a ceia e 'lembrecinhas', quem quiser dar bons presentes, pode escolher, sempre, um livro. Como os que se seguem.

"As mortas" (Pinard, R\$ 76,10), de Jorge Ibarngüengotia, recria, de forma envolvente e ferina, a pavorosa trajetória das chamadas irmãs Poquianchis, que, entre 1950 e 1964, administraram bordéis no México, escravizando mulheres obrigadas a se prostituírem. As quatro irmãs, no livro, são condensadas em duas, mas também responsabilizadas pelo assassinato de dezenas de pessoas, com a convivência de políticos e militares corruptos. Apesar do tema, o romance satírico é satírico e muito envolvente.

Alexandre Dumas, um dos mais célebres criadores do folhetim, o romance que tinha capítulos publicados diariamente nos jornais, prendendo os leitores com a sugestão de reviravoltas constantes na trama, assinou apenas uma história claramente baseada na vida de seu pai, o militar Thomas, nascido em São Domingo, filho de um aristocrata francês e de uma escravizada. Adolescente, Thomas foi levado pelo pai para a França, onde fez uma notável carreira militar, sem, no entanto, deixar de

sofrer preconceito racial. A discriminação também atingiu seu celebradíssimo filho escritor, que se inspirou em Thomas para criar "Georges" (Zahar, R\$ 44,90), faz de um "orgulhoso mulato" o herói de seu romance abolicionista, ambientado nas Ilhas Maurício, então colônia francesa.

Também de Dumas e também integrando a excelente coleção Clássicos Zahar, sai, finalmente o terceiro volume de "O visconde de Bragelonne" (Zahar, R\$ 123), que traz a mais conhecida das aventuras da trilogia sobre D'Artagnan, Porthos, Athos e Aramis, os mosqueteiros, na maturidade – "O homem da máscara de ferro", um prisioneiro que seria irmão gêmeo do rei da França.

Amizade, solidão, lealdade, choque de classes, de gerações e de cultura se entrelaçam em "Babilônia" (Aiyné, R\$ 85,10), formando o habitual mosaico que a francesa Yasmina Reza monta para discutir as relações humanas na contemporaneidade. Depois de uma festa em que reúne a família, amigos, colegas de trabalho e vizinhos, um acontecimento abala os moradores de um prédio na periferia de Paris. A tragédia se revela através das recordações da narradora que se angustia para fortalecer o entrosamento de desconhecidos, en-



quanto mantém um olhar crítico, porém se deixa levar pela piedade com os menos afortunados. O não pertencimento é característica humana desde quando os judeus "sentavam às margens dos rios da Babilônia e choravam pela lembrança de Sião", lembra a mulher, buscando compreender o permanente exílio pessoal de cada um.

Inspirada por personagens e trechos de "A terra devastada", poema de T.S. Eliot, a paulista Thereza Christina Rocque da Motta retoma o exercício poético de dialogar com a obra do norte-americano. Os 61 textos compostos entre 2021 e 2023 estão em "O jardim de Jacintos de Madame Sososttris" (Ibis Libris, R\$ 60), em edição bilíngue. Eliot costumava praticar a chamada glosa – usar versos ou fragmentos de trabalhos de Dante, Shakespeare e Verlaine –, e já havia inspirado Thereza a compor 22 poemas lançados em "Lilases", que também ganhou nova edição pela Ibis.

Com mais de 8 milhões vendidos no Brasil, Rick Riordan juntou-se a outro craque da literatura juvenil na série que acompanha as aventuras de Nico di Angelo, filho do deus grego Hades, e suas interações com outros semideuses da mitologia greco-romana, em "O tribunal dos mortos" (Intrínseca,

R\$ 69). Desta vez, nessa expansão do universo de "Percy Jackson e os olímpianos", Nico e seu namorado Will se juntam à Hazel, filha do deus romano Plutão, para lutar contra uma força maligna que está fazendo desaparecer seres do Mundo Inferior.

As estratégias de obsolescência programada, o descarte de toneladas de roupas no deserto do Atacama, a exploração dos trabalhadores nas confecções de roupas são alguns dos pontos abordados pela professora de design Joana Contino em "A indústria da moda no capitalismo tardio: design, ideologia e relações de trabalho" (RioBooks, R\$ 75). Se as demandas do capitalismo aos produtos da moda se limitaram, no passado, ao lançamento de duas coleções de roupas por ano, hoje essas exigências são de novidades com frequência maior, atendendo a uma dita avidez do consumo – incentivado exatamente pela indústria, que se pauta pelo desperdício, diz a autora, que pesquisa e trabalha na área há mais de vinte anos.

Um casal de intelectuais politizados decide levar os filhos para viver na China de Mao-Tse-Tung a fim de aprender a doutrina maoista e retornar para a Colômbia, onde passam a integrar grupos guerrilheiros. O que seria o enredo de um romance épico aconteceu realmente com o cineasta Sergio Cabrera, que, ao lado da irmã Marinella, integrou o Exército Vermelho por indicação dos pais.



NATAL
Sesc

Vem viver

encontros

Chegou a época do ano de viver mais encontros, e o Sesc preparou uma programação especial com atrações para toda a família.

Vem viver o Natal.
Vem viver mais encontros.
Vem viver o Sesc.

 Confira a programação completa em **natalsesc.com.br**

**11 de novembro
a 06 de janeiro**

sesc

NATASHA SOBRINHO (@RESTAURANTS_TO_LOVE)

ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Ceias prontas para celebrar

Desfrute do sabor das festas entregue com praticidade e charme carioca



Zona Sul

As ceias por encomenda transformam o fim de ano numa celebração sem correria. Restaurantes, confeitarias e até supermercados preparam menus completos, do peru succulento às quiches especiais, passando por opções veganas e sobremesas que brilham na mesa. É a escolha perfeita para quem deseja receber bem, sem passar horas na cozinha. Com opções para todos os gostos e estilos, as ceias prontas unem praticidade e sabor, trazendo o espírito das festas cariocas direto para a sua casa. Confira abaixo as sugestões do Correio:

ATELIER DOS SABORES - Com a chegada das festas de fim de ano, as sobremesas típicas se tornam protagonistas nas ceias de Natal. Para tornar o período mais especial, a casa de doces e tortas com lojas em Copacabana, Tijuca apresenta uma seleção especial com tortas natalinas. A novidade é a releitura da torta de Rabanada, criada em homenagem à clássica sobremesa brasileira. Ela é preparada com camadas de rabanada assada ao forno, intercaladas com doce de leite sabor toffee e finalizada com crumble de canela (R\$ 195-16 a 20 fatias). Pedidos: (21) 97398-7871.

GUIMAS - O cardápio para as festas de fim de ano já está disponível para encomendas. Além do tradicional Bacalhau Espiritual



Tragga



Guimas

(R\$ 695- 8/10 pessoas) e do famoso Arroz de pato do Chico (R\$ 570 -1kg), a casa oferece algumas novidades, como o Lombo de porco com molho de laranja (R\$ 475 -1kg). E claro, sobremesas tradicionais como as Rabanadas (R\$195 - 10 unidades), Torta de Nozes com ovos moles (460 – 8 a 10 porções) e Toucinho do Céu (450 – 8 a 10 porções - foto). Pedidos até dia 23/12: (21) 97615-2239.

MERCEARIA DA PRAÇA - O restaurante português, em Ipanema, apresenta um menu exclusivo de ceia por encomenda para Natal com pratos como bolinho de bacalhau (R\$14,90/un); seis versões bacalhau, dentre elas o Bacalhau ao Forno à Portuguesa (R\$ 429,90/kg - foto), uma posta de bacalhau com batatas, ovos cozidos, azeite, cebola salteada, tomate grelhado, brócolis e azeitonas; o clássico Arroz de Pato à Dona Rosa (R\$339,90/kg) e as famosas Rabanadas dos Sonhos (R\$32,90/un). As encomendas podem ser



Atelier dos Sabores



Mercearia da Praça



Vegan Vegan

feitas até o dia 23/12: (21) 3986-1400 e 97678-4841

TRAGGA - A casa preparou um menu especial com ceia completa por encomenda, unindo receitas tradicionais e ingredientes selecionados. Os destaques incluem: Roast Beef (R\$ 598 – serve 10 pessoas) – filé mignon grelhado na brasa em crosta de ervas, finalizado no forno com molho roti; o Chester (R\$ 298 – serve 6 pessoas - foto) assado e finalizado com manteiga clarificada, acompanha 250g de farofa. Na ala das sobremesas, Cheesecake de Frutas Vermelhas (R\$ 229 – serve até 12 fatias) com calda de frutas vermelhas. Encomendas até o dia 22/12 pelo WhatsApp (21) 98777-0123.

VEGAN VEGAN - O menu natalino já está disponível e reúne 6 pratos salgados e 5 sobremesas. Entre os destaques do salgado estão a Quiche de Palmito Pupunha (R\$ 220 - serve 8 fatias) preparada com massa de farinha de arroz e palmito agroecológico, sem glúten e o Lombo de Seitan ao Molho de Laranja (R\$ 130) seitan inteiro assado lentamente e servido com molho de laranja, ameixa, damasco e nozes. Nas sobremesas, a casa oferece opções como o Cheesecake de Goiaba (R\$ 195 serve 8 fatias)), vegano e sem glúten, e a Torta Mousse de Cacau com Nozes (R\$ 180 serve 8 fatias). Encomendas até 20/12 pelo WhatsApp (21) 97145-0669.

ZONA SUL SUPERMERCADOS - Neste Natal, o supermercado apresenta um cardápio completo de encomendas para quem quer celebrar com praticidade, elegância e muito sabor, com receitas clássicas e exclusivas, dos experts e chefs da casa. Começando pelos protagonistas da noite, a Porchetta Assada servida com demiglace, batata calabresa, cebola mini e maçã amanteigada (R\$ 299,90). Já o clássico Bacalhau com Natas (R\$ 199,90) chega cremoso e dourado, enquanto o Filé Mignon servido com demiglace, batata calabresa, champignon, vagem, cenoura e fava (R\$ 389,90) entrega sofisticação e fartura em cada fatia. As sobremesas completam o encanto da noite como a tradicional Rabanada (600g – R\$ 35,90) e as novidades do cardápio: o Tiramisu Tradicional (R\$ 139,90) e o Tiramisu de Framboesa (400g – R\$ 83,90). Pedidos pelo site www.zonalsul.com.br ou pelo WhatsApp (21) 4090-2222.

POR MAYARIANE CASTRO

São Sebastião concentra iniciativas artísticas que abrangem música, dança, literatura, audiovisual, artes visuais e manifestações populares. A região reúne produtores culturais, fotógrafos, dançarinos, atores, cineastas, músicos, artistas plásticos, artesãos, poetas e escritores. A presença de Pontos de Cultura e a continuidade de projetos comunitários estruturam uma cena ativa, hoje reconhecida por diferentes segmentos culturais.

Entre as expressões mais consolidadas está a dança. As Quadrilhas Juninas da região participam de circuitos locais e nacionais e são reconhecidas em diversos lugares pelo seu trabalho, como a Quadrilha Formiga da Roça, que já viajou para outros estados para representar o DF em eventos e competições. Outra forma de cultura se dá pelo Projeto Garatuja, criado há mais de 16 anos, que oferece oficinas de balé e dança contemporânea para crianças e jovens da região. Manifestações religiosas, como a Via Sacra e o Reisado, também compõem o calendário cultural e reúnem grande público anualmente.

A produção musical reúne estilos variados. Eventos de forró e sertanejo dividem espaço com iniciativas de reggae, samba e rock, que são os estilos mais consumidos pela população. Projetos como Reggae na Praça, Samba da Vela e bandas como Niilismo, Miss Mestiça, Indigentes, Indecisos e Skate Favela ocupam diferentes circuitos, embora parte desses grupos enfrente dificuldades para acessar espaços adequados de ensaio e apresentações. Segundo organizações locais, a falta de infraestrutura limita a circulação de artistas de segmentos que não integram os principais roteiros culturais.



Formiga na Roça é uma das melhores quadrilhas do Distrito Federal

Fora do Eixo: a cena de São Sebastião

Terra do Reisado e das quadrilhas juninas também tem pólo local de produção de curtas e festival de cinema

gundo organizações locais, a falta de infraestrutura limita a circulação de artistas de segmentos que não integram os principais roteiros culturais.

Domingo no Parque

Um dos eventos que atende

bandas autorais e manifestações alternativas é o Domingo no Parque, realizado há 13 anos pelo Movimento Cultural Supernova, conhecido em São Sebastião. A iniciativa promove apresentações diversas e chama atenção para a necessidade de revitalização do

Parque do Bosque, combinando ações culturais e ambientais.

A literatura tem sido fortalecida por projetos comunitários. A Biblioteca do Bosque, uma das poucas unidades públicas da região, organiza a Feira Literária da Biblioteca do Bosque há cin-

co anos. A ação estimulou outras iniciativas, como a FLIC, Feira Literária do Capão Comprido, voltada à área rural de São Sebastião, e a Feira do Vale, que reúne artistas e empreendedores locais. Esses projetos articulam fruição literária e economia criativa.

Domingo no Parque: ponto de encontro

Rock, reggae, forró, música sertaneja: há um pouco de tudo na diversificada produção cultural da região

A memória local é tratada pelo projeto Memórias Oleiras, um museu virtual dedicado ao registro da história da cidade e sua relação com a construção de Brasília. A região está próxima de receber o primeiro patrimônio histórico tombado, a Cruz do Morro da Cruz. O muralismo também compõe a paisagem urbana, com trabalhos do Instituto Metamorfose, Instituto Nivaldo Nunes, coletivo Defenestra Stencil e artistas independentes como David Aires.

A participação de mulheres

ocorre por meio de iniciativas como Casa Luar e Sarau das Sebastianas. Projetos socioculturais para o público infantil são desenvolvidos pela Associação Ludociarte, que realiza um festival artístico-cultural voltado à criação de músicas, videocliques, curtas-metragens e livros por crianças e jovens.

Chica de Ouro

No audiovisual, a cidade sedia o Supercine, voltado ao cineclubismo, com atividades de formação para estudantes e professores, e o

Festival Chica de Ouro, que há dez anos estimula a produção de curtas escolares. A 11ª edição levará ao Cine Brasília 15 dos 40 filmes produzidos por alunos do Centro Educacional São Francisco, com premiação após exibição. Os trabalhos foram realizados por estudantes do ensino médio e serão analisados por júri técnico e popular.

São Sebastião está entre as regiões que receberão novos CEUs da Cultura, anunciados pelo Ministério da Cultura dentro do Novo PAC, em outubro de 2025. Além de São Sebastião, Varjão e Paranoá terão unidades instaladas, com investimento superior a R\$ 2,5 milhões por centro até setembro de 2027. Os CEUs integram diversas atividades.



O projeto Garatuja: destaque cultural na região

SEXTOU! UM DF DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

Quabales no DF

✳ No dia 14 de dezembro, às 20h, o Clube do Choro recebe Quabales Banda com o espetáculo “Essa é a Bahia!”, um show que convida o público de Brasília a mergulhar na potência rítmica, na ancestralidade e na criatividade que fazem da Bahia um dos maiores berços musicais do mundo. O grupo ainda oferecerá workshops de percussão na capital.

Naná Vasconcelos

✳ Nos dias 13 e 14 de dezembro, Brasília recebe o espetáculo “Amém & Amem – Naná Vasconcelos 80 anos”, uma celebração ao legado de um dos maiores nomes da música brasileira. O show reúne Virgínia Rodrigues, Zé Manoel, Lucas dos Prazeres e Marivaldo dos Santos, artistas que traduzem a força e a diversidade da música afro-brasileira em um encontro inédito e cheio de afetos. Os shows acontecem no sábado, dia 13 de dezembro, às 17h e 20h; e no domingo, dia 14, às 19h, na Caixa Cultural Brasília.



Grupo baiano chega a Brasília com oficinas e show especial

TEATRO

Cia Em Comma

✳ A terceira idade, aceitação, sonhos, a busca pelo reconhecimento e a dor da perda. A Cia Em Comma de Teatro aborda esses e outros temas no inédito espetáculo “As Lágrimas Negras de Rímel de Gilda Presley”. Com texto do pernambucano Cícero Belmar e direção de Ernandes Silva – fundador da Cia.- a peça que é realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal e foi sucesso de público em dezembro no DF, encerra temporada no dia 11 de dezembro, às 10h e às 14h30, no CRAS de Ceilândia Sul. Todas as sessões contam com tradução em libras e audiodescrição. Gratuito. Não recomendado para menores de 16 anos.

Palhaça Lia Motta

✳ Nos dias 13 e 14 de dezembro, Alto Paraíso de Goiás sediará a estreia de Enfim Jazz, novo espetáculo-solo da palhaça, atriz e diretora teatral Lia Motta. A peça, com direção de Rhena de Faria e dramaturgia por duas artistas, aborda de forma cômica a relação humana com a morte. A estreia ocupará o Teatro A Barca Coração, com sessões gratuitas às 19h. Ingressos devem ser retirados 1h antes.



“Amém & Amem – Naná Vasconcelos 80 anos”

“A Manhã Seguinte”

✳ E se o amor começasse depois do primeiro “bom dia”? Sucesso em mais de 10 países, “A Manhã Seguinte” ganha montagem inédita no Brasil e, após estreia aclamada no Rio de Janeiro e sessões lotadas em BH, Curitiba e João Pessoa, chega a Brasília para apenas cinco apresentações, nos dias 12, 13 e 14 de dezembro, no Teatro Royal Tulip, com sessões na sexta, às 20h, sábado, às 17h e 20h, e domingo, às 15h e 18h.

PROJETO

“Guitarra: a Voz do Rock”

✳ Neste sábado, 13/12, os alunos do projeto Guitarra: a Voz do Rock participam de uma sessão de gravação profissional no Orbis Estúdio, em Vicente Pires (Chácara 329, Casa 12A, St. Hab. Brasília, 72007-141), marcando o encerramento da etapa formativa da iniciativa idealizada pelo guitarrista e produtor Rodrigo Vegetal. A experiência em estúdio finaliza uma jornada que uniu educação musical, juventude e inclusão social, oferecendo formação gratuita e contato real com o processo de produção musical.



As Lágrimas Negras de Rímel de Gilda Presley”

Desestressa Dançando

✳ O Desestressa Dançando promove autonomia por meio de práticas somáticas, dança, teatro e audiovisual. Voltado a maiores de 18 anos, prioriza pessoas negras, indígenas, LGBTQIAP+, com deficiência e moradoras do DF e Entorno, oferecendo bolsas para trans. A surda Juliana Mendes destaca a inclusão garantida pela intérprete de Libras.

EXPOSIÇÃO

Mostra da fotógrafa

✳ A fotógrafa, indigenista e

antropóloga Raissa Azeredo, em parceria com a Onã Produções, apresenta a exposição Povo Fulni-ô – Entre a Caatinga e o Cerrado. A mostra documenta processos culturais, saberes e memórias do povo Fulni-ô nos biomas Cerrado e Caatinga, a partir de expedição pela aldeia próxima a Águas Belas (PE) e pela Terra Indígena Santuário Sagrado dos Pajés (DF). Os registros fortalecem a preservação da memória Fulni-ô. Após passar por outras instituições, a exposição está no Espaço Cultural Pátio das Comissões da CLDF até 15 de dezembro, das

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



EP Desborde, do músico Gabriel Paes



Yasmin Hassegawa ilustra "Benjamin", livro poético



Yasmin Hassegawa ilustra "Benjamin", livro poético



Yasmin Hassegawa ilustra "Benjamin", livro poético

9h às 19h, com entrada franca.

NATAL

Estação Natal 2025

*A partir desta semana, a área externa da Caixa Cultural Brasília apresenta o projeto "Estação Natal – Férias na CAIXA Cultural", um grande encontro gratuito voltado para famílias, crianças e jovens. Até 21 de dezembro, o espaço será palco de apresentações artísticas, atividades radicais, vivências culturais e oficinas gratuitas em diversas áreas, celebrando o início das férias escolares na capital federal. O projeto é realizado pela Udigrudi Produções e tem entrada gratuita.

LANÇAMENTO

Livro "Benjamin"

*A artista e ilustradora Yasmin Hassegawa, de Brasília, dá vida ao universo poético de Benjamin, livro infantil escrito com a

psicóloga e psicanalista Denise Fleury. A obra aborda a angústia da separação entre mãe e bebê, simbolizada por elefantes ligados pelas trombas. Com ilustrações expressivas, Yasmin torna o tema lúdico e acolhedor. Denise, cuja escrita explora a subjetividade humana, traz ao livro sua vivência materna e trajetória literária reconhecida.

Organização lésbica

*Organizações, acontecimentos históricos e marcos jurídicos e legais relacionados à comunidade e cultura LGBTI+. A multiartista brasilienses Nina Ferreira e a produtora cultural Lélia de Castro vão lançar um site com todas estas temáticas e acessibilidade para pessoas com deficiência visual e surdas, de acesso livre e gratuito. O site vai ao ar no dia 10 de dezembro e contará ainda com evento presencial no dia (10/12), às 19h, com a presença das idealizadoras na Biblioteca Demonstrativa

de Brasília (506/7 Sul). Gratuito. Livre para todos os públicos. Confira o site: miradacoletiva.com.br. O projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Gastronomia na mão

*Brasília recebeu neste semana o ia.ê, IA criada no DF para indicar bares e restaurantes via WhatsApp. Idealizado por Rodrigo Carvalho, Brayan Costa e Iago Richelle, o sistema funciona como um "amigo virtual", entendendo preferências e orçamento. Após semanas de testes, aprende a cada conversa. A recepção do setor é positiva, e a ferramenta promete tornar as escolhas gastronômicas mais rápidas e certeiras.

EP Desborde

*O violonista e compositor Gabriel Paes, radicado em Brasília e com formação na Argentina, lança Desborde, seu primeiro EP instrumental autoral, já disponível nas plataformas digitais. O trabalho reúne cinco faixas que misturam ritmos latino-americanos, jazz, rock e brasilidades, criando paisagens sonoras dançantes e contemporâneas. Antes do lançamento, o EP foi apresentado em shows no Jardim Botânico e no Instituto Palco Cultura. O projeto é realizado com recursos do FAC-DF.
*SERVIÇO
*EP Desborde, de Gabriel Paes
*Onde: tratore ffm.to/desborde (todas as plataformas digitais)
*Gratuito



IA em prol da gastronomia no DF

História da arte brasileira: cem obras do MAM no CCBB

Acervo itinerante do Museu de Arte Moderna vai do Modernismo à arte contemporânea

POR MAYARIANE CASTRO

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) inaugura em na próxima terça-feira (16) a exposição “Uma história da arte brasileira”, realizada pelo Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro.

A mostra apresenta cem obras do acervo da instituição, reunindo um recorte ampliado em relação às versões anteriores exibidas no G20 e no CCBB Belo Horizonte. A entrada é gratuita, com retirada de ingressos na bilheteria ou no site da instituição.

Organizada pelos curadores Raquel Barreto e Pablo Lafuente, a exposição ocupa o térreo e o subsolo da Galeria 1. O conjunto de obras abrange diferentes suportes e períodos, formando uma leitura panorâmica da produção artística nacional. Estão presentes trabalhos de Alberto da Veiga Guignard, Amílcar de Castro, Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Candido Portinari, Di Cavalcanti, Hélio Oiticica, Leonilson, Lucia Laguna, Luiz Zerbini, Lygia Clark, Lygia Pape, Sebastião

Salgado, Sergio Camargo, Thiago Martins de Melo, Tomie Ohtake e Tunga, entre outros.

Segundo o MAM Rio, a itinerância reforça a política de ampliar o acesso ao acervo, composto por cerca de 16 mil obras entre coleção própria e comodatos. A instituição destaca que a circulação da mostra busca aproximar o público de diferentes regiões da produção moderna e contemporânea do país. A exposição foi originalmente concebida para a Cúpula do G20, realizada no MAM Rio em novembro de 2024, onde recebeu chefes de Estado e delegações internacionais antes de ser aberta ao público.

Recorte histórico

A versão em Brasília dá continuidade ao percurso iniciado em Belo Horizonte, incorporando novos trabalhos e aprofundando o recorte histórico. Os curadores afirmam que o objetivo é apresentar um panorama que permita ao visitante observar transformações, permanências e rupturas na arte brasileira ao longo de mais de um século. A mostra contem



O Parque Municipal, de Guignard, é uma das obras em exposição

pla obras de artistas atuantes em diferentes contextos políticos e sociais e evidencia múltiplas abordagens formais.

O conteúdo está organizado em cinco eixos cronológicos. O primeiro, Modernismo (1910–1950), reúne obras que marcam a consolidação de uma linguagem própria e a discussão sobre

identidade nacional. O segundo núcleo aborda o Abstracionismo e o Concretismo dos anos 1950, período em que grupos e manifestos influenciaram mudanças estruturais no campo artístico. O terceiro destaca a Nova Figuração e práticas conceituais dos anos 1960 e 1970, produzidas em meio a restrições políticas e a

movimentos de contestação.

O quarto eixo apresenta produções da década de 1980 até os anos 2000, quando se observam a emergência da chamada Geração 80 e a diversificação de pesquisas visuais nos anos 1990. Essa seção inclui obras de artistas que tensionam narrativas estabelecidas e ampliam suas presenças.

Espaços culturais com muitas conexões

Com idades diferentes, museu do Rio e espaço de Brasília têm propostas semelhantes

A parte mais contemporânea da mostra amplia a presença de perspectivas negras, indígenas, femininas e LGBTQIA+ na arte. O quinto núcleo reúne imagens da coleção Joaquim Paiva, dedicada à fotografia contemporânea, com registros de cenas políticas, sociais, urbanas e ambientais.

Para os curadores, o conjunto evidencia como a prática artística funciona como instrumento de interpretação histórica.

A curadoria busca expor articulações entre gerações, conectando diferentes contextos e investigando como artistas lidam com transformações tecnológicas, políticas e culturais.

MAM e CCBB

Os dois espaços culturais no

Rio e em Brasília têm diversas conexões nas suas propostas.

O MAM Rio, responsável pela organização e itinerância, foi fundado em 1948 como museu-escola e mantém três grandes coleções de artes visuais, com foco na arte brasileira e na fotografia.

O icônico prédio no Parque do Flamengo, projetado por Afonso Eduardo Reidy com jardins de Roberto Burle Marx, é hoje referência arquitetônica.

No ano passado, o MAM passou por obras de revitalização, que envolveu a recuperação dos jardins de Burle Marx e melhorias de acessibilidade. Com essa modernização, sediou em novembro de 2024 a cúpula do G20, o grupo formado pelas maiores economias do mundo.



Carlos Scliar é outro nome importante presente na mostra

O museu afirma que a programação busca promover experiências participativas e relacionar produções de diferentes períodos.

Mais recente, o CCBB Brasília

é outra referência arquitetônica. Inaugurado em 2000, funciona no Edifício Tancredo Neves, de autoria de Oscar Niemeyer, prédio que tem sido usado para abrigar equipes de transição nas

eleições presidenciais. Ali trabalharam tanto a equipe de Jair Bolsonaro antes da posse em 2018, quanto a de Luiz Inácio Lula da Silva em 2022.

O CCBB abriga exposições, espetáculos e atividades educativas. A instituição mantém o Programa Educativo CCBB Brasília, responsável por ações de mediação e atendimento a escolas e grupos agendados. O centro cultural recebeu, em 2022, certificação ISO 14001, renovada anualmente, voltada à gestão ambiental e sustentabilidade. Com a chegada da mostra ao Distrito Federal, a mostra amplia o acesso ao acervo do MAM Rio e oferece ao público de Brasília a oportunidade de percorrer um conjunto representativo da arte brasileira.

#cm

2

FIM DE SEMANA



Quabales traz show 'Essa é a Bahia!' ao Clube do Choro

PÁGINAS 8 E 9



CCBB exhibe 'Uma história da arte brasileira' do MAM Rio

PÁGINA 15



Série Cultura Fora do Eixo destaca São Sebastião

PÁGINA 16



Divulgação

Selton Mello num dos cartazes de divulgação desta versão nada sisuda de 'Anaconda' em que o brasileiro atua com Jack Black e Paul Rudd

‘É hora de expandir fronteiras’

Selton Mello estreia em Hollywood no Natal, com nova (e debochada) versão de ‘Anaconda’ e prepara direção de longa sobre ‘O Alienista’, filme chileno e mais a uma temporada de ‘Sessão de Terapia’ no streaming

RODRIGO FONSECA | Especial para o Correio da Manhã

Apostos, enfim, para realizar o sonho... antigo... de filmar (e protagonizar) “O Alienista”, de Machado de Assis, no papel de Simão Bacamarte, o mineiro Selton Mello terá um 2026 dos mais agitados profissionalmente. Seu 2024 foi mágico, com a projeção mundial de “Ainda Estou Aqui”, ganhador do Oscar em pleno carnaval deste ano, com 5,8 milhões de tíquetes vendidos só em solo nacional. Seu 2025 foi bombado também, à força dos 4,4 milhões de ingressos que ele e Matheus Nachtergaele venderam com “O Auto da Compadecida 2”, de janeiro a março. Os próximos dois semestres podem ser igualmente movimentados para

o astro, que é imã de bilheteria. Ele tem uma nova temporada da série “Sessão de Terapia” para levar ao Globoplay. Será visto atuando em Espanhol em “La Perra”, da diretora chilena Dominga Sotomayor. E vai comemorar os 20 anos de sua primeira experiência de ficção atrás das câmeras, o curta-metragem “Quando o Tempo Cair”, hoje disponível na plataforma MUBI. Antes disso tudo, no dia de Natal, 25 de dezembro, o eterno Chicó promete mobilizar o circuito exibidor – o do Brasil e dos EUA – com sua estreia no cinemão de Hollywood: a nova versão de “Anaconda”. Jack Black e Paul Rudd, astros com popularidade tamanho GG lá fora, estrelam a produção, que resgata o sucesso de bilheteria (trash como ele só) de 1997,

com Jennifer Lopez e Jon Voight. A cobra gigante das selvas amazonenses está de volta, mas em formato galhofa. “A coisa mais comovente para mim nesse projeto é o fato de eu ter passado toda a minha adolescência, dos 12 aos 20 anos, morando praticamente nos estúdios da Herbert Richers, dublando filmes de Hollywood, dublando Tom Hanks, Robert Downey Jr., Sean Penn, Griffin Dunne. Dublei todos pensando assim: ‘É isso. Eu nunca vou furar essa tela e estar lá do outro lado’. Mas, como a vida é bonita, o mundo girou, e agora estou eu num filme de Hollywood. E o que eu fui fazer agora? Fui me dublar”, conta Selton ao Correio da Manhã, numa entrevista via Zoom. **Continua na página seguinte**

Um gigante da cultura sul fluminense

A região se despede de Fábio Fernandes, proprietário do Auê Clube há quase 40 anos

Nesta semana, a região Sul Fluminense se despediu de Fábio Fernandes: um dos principais fomentadores da cultura regional; em especial, às iniciativas de minorias sociais.

Fábio foi proprietário da maior boate LGBTQIA+ da região Sul Fluminense: o Auê Clube, fundado em 1987 — inicialmente, como um pequeno bar voltado para o público aficionado por rock. O local se tornou um refúgio para uma comunidade que sofria com preconceitos, especialmente em um contexto interiorano, e não possuía segurança para existir e se expressar. O Auê também surgiu como um local de oportunidade para que artistas LGBTQIA+, como DJs, performers e Drag Queens, tivessem um público para apresentar sua arte e construir uma cena cultural sul fluminense.

O Auê Clube foi uma das únicas casas noturnas que sobreviveu ao teste do tempo em Volta Redonda, em meio a tantas outras que explodiam em popularidade e acabavam sendo fechadas em menos de cinco anos. Batendo seus 30 anos de funcionamento, o Auê extrapolou o nicho LGBTQIA+ e se tornou o “point” da noite voltare-dondense — com a ajuda de Fábio Fernandes Júnior, filho de Fábio, que passou a fazer parte da organização do clube por volta de 2015.

Em seus anos recentes, o Auê fez o interesse e o desenvolvimento da cultura LGBTQIA+ local girar ainda mais: a casa recebeu grandes festas da cena, promovidas em cidades como Rio e São Paulo, além de receber grandes nomes nacionais, como Pablo Vittar, Luisa Sonza, Gretchen e Inês Brasil. O espaço também viabilizou a realização de iniciativas locais que se consolidaram na cena underground LGBTQIA+, como a Swave e a Najah (que veio a se tornar a festa ballroom Najah Ball). Outras propostas alternativas de nichos distintos também foram recebidas pela casa, como o R.U.A. Crew (coletivo de hardcore punk).

Para pessoas próximas, Fábio era uma pessoa feliz, determinada, ligada ao público e aos artistas que frequentavam e faziam parte do Auê e determinada em fazer seu sonho acontecer.

ara o público, de forma ge-



Reprodução

Divulgação: Auê Clube



O Auê faz parte da cena noturna regional desde 1987

ral, Fábio foi um grande aliado das comunidades marginalizadas socialmente na região e será lembrado como um dos

principais agentes culturais da região; o responsável por oferecer um espaço de criação de memórias, primeiras

vivências, conexões, criações, resistência e, principalmente, segurança. O legado de sua atuação como produtor cultu-

ral será sentida por toda a comunidade artística que Fábio ajudou a construir, direta ou indiretamente.

O hardgroove na pista carioca

Conheça o 'HardGroove di Cria': o novo EP do DJ e produtor Jaca Beats

POR LANNA SILVEIRA

Após um ano recheado de lançamentos, o DJ e produtor musical Jaca Beats lançou o EP HardGroove di Cria no fim de novembro. Com um total de seis faixas — com quatro disponíveis em todas as plataformas de streaming e duas lançadas apenas no Bandcamp —, a coletânea apresenta a pesquisa do DJ acerca do subgênero “hardgroove”, que é uma vertente do techno, em fusão à energia do funk carioca.

As faixas do EP vinham sido trabalhadas por Jaca desde o início do ano: inicialmente, como produções experimentais para serem tocadas em seus DJs sets. A ideia de compilar as faixas em um álbum surgiu quando Jaca percebeu que aquela sonoridade fluía nas pistas de dança e tinham potencial para serem lançadas oficialmente. O direcionamento musical de Jaca para o hardgroove partiu da influência de DJ sets da dupla irlandesa Samba Boys, formada pelos DJs Kettama e Tommy Holohan, além do trabalho do DJ australiano Ned Bennett. O artista também notou a popularidade do gênero nas pistas de dança europeias e nacionais.

Durante a elaboração das faixas, Jaca decidiu unir as in-

fluências internacionais às suas referências brasileiras, trazendo marcas de estilo clássicas do funk — que é o gênero que dá base a todo processo criativo do DJ. Para Jaca, o hardgroove, especificamente, é um estilo que “tem a cara do Brasil” por trazer uma sonoridade “bagunçada”: o ritmo tem como características de base o uso de percussão em batidas fortes, com grooves intensos, e batidas aceleradas, que são ideais para a construção de faixas dançantes.

O objetivo principal do EP, assim como de todas as demais produções de Jaca, é oferecer novas faixas a serem tocadas por outros DJs. “Eu sempre gosto de ver minhas músicas tocando bem na pista. Isso, para mim, é o essencial; é o que me move a continuar produzindo”, explica.

Ano de lançamentos

O “HardGroove di Cria” representou o fechamento de um ano musicalmente agitado para Jaca: além de ter soltado um single por mês desde agosto, o artista lançou o álbum “Jaca House Beijos” — que apresenta sonoridade distinta à do “HardGroove” — durante o mês de abril. Enquanto seu último EP apresenta pesquisas e produções musicais construí-



EP tem quatro faixas, com duas bônus disponíveis apenas no Bandcamp

das ao longo de 2025, “House Beijos” é um compilado de faixas que vinham sido criadas por Jaca desde 2020 e nunca haviam sido lançadas.

— Eu estava com umas 47 músicas acumuladas em muitos anos e já estava querendo muito

soltar um novo álbum, porque estava desde 2020 sem lançar nada. O [público] também já estava pedindo um álbum há bastante tempo, porque eles gostaram bastante do Jaca I [último álbum lançado por ele, até o momento]. Resolvi pegar esse catadão de mú-

sicas, fazer uma curadoria maneira e soltar como álbum.

Jaca já tem planos para 2026: um novo álbum, de sonoridade variada e com a colaboração de vários artistas, já está em processo de produção, e existem faixas de funk e house prontas para virem ao mundo.

O Correio ouviu: quais são nossas faixas preferidas do 'HardGroove di Cria'

As faixas do EP cumprem exatamente o que prometem: um som perfeito para se jogar no front de uma pista de dança, nos momentos de auge de um DJ set de funk carioca. Os elementos industriais do hardgroove, de fato, se vestem perfeitamente com o batidão e as composições líricas clássicas do funk — algo que também combina, indiretamente, com o clima de verão e o calor intenso desse fim de ano, que pede noites de fervor para quem gosta da cena noturna voltada para a dança e a discotecagem.

A versão disponível em todos os serviços de streaming tem quatro músicas e 15 mi-

nutos de duração, que deixam um gostinho de “quero mais”. O Correio recomenda a escuta do EP em sua totalidade para qualquer um que goste de música eletrônica — especialmente, claro, do techno e do funk. O EP também facilmente agradará os ouvintes que acompanham trabalhos de DJs e produtores brasileiros que também exploram os estilos do funk em fusão a vertentes eletrônicas internacionais, como d.silvestre, Clementaum, IDLIBRA e Humildes.

O Correio recomenda, especialmente, as faixas: “Baile do Antares”, “VEM VEM VEM” e “Elas estão preparadas”.



Divulgação

Jaca Beats já tem mais de meia década de carreira e já fez turnê pela Europa

‘Lixúria’: ressignificando o papel do lixo

Busão das Artes leva exposição imersiva e educativa sobre lixo e descartes a Resende

POR LANNA SILVEIRA

O Busão das Artes chega a Resende no próximo sábado (13), com a exposição “Lixúria”, uma experiência sensorial que transforma um caminhão-baú de 15 metros em um museu itinerante dedicado a provocar as percepções populares sobre consumo, descarte e sustentabilidade. Com entrada gratuita, a atração ficará na cidade até o dia 15 de dezembro, no Parque das Águas. As visitas poderão ser feitas das 10h às 17h.

Com curadoria de Marcello Dantas, a exposição propõe uma mudança de olhar sobre os resíduos. Considerando a vivência mundial em um sistema econômico que gera toneladas de lixo todos os dias, a mostra convida o público a reconhecer o valor do que é descartado, repensar os excessos de consumo e imaginar novas possibilidades de uso, memória e beleza a partir do que chamamos de lixo.



Exposição permanece em Resende até o dia 15

Dinâmicas

Instalada em um caminhão baú inteiramente espelhado, que reflete a cidade ao seu redor e

confronta o público com sua própria imagem, “Lixúria” torna o lixo visível e instigante. Ao redor do caminhão, latas de lixo foram

transformadas em instalações educativas e interativas. Dentro dele, experiências sensoriais e tecnológicas nos aproximam da ma-

terialidade dos resíduos.

O público pode se pesar em uma balança interativa que calcula quanto lixo uma pessoa gera ao longo da vida; interagir com uma instalação em realidade aumentada que mostra o tempo de decomposição e o potencial de reaproveitamento de diferentes materiais; explorar um mapa dos lixões e aterros e seus impactos nas cidades visitadas; e assistir ao clássico curta “Ilha das Flores”, de Jorge Furtado.

O interior do caminhão é ocupado por obras inéditas de artistas renomados, além de latas com instalações, esculturas e experiências que ressignificam todos os tipos de materiais descartados recolhidos na natureza. “Lixúria” propõe a imaginação de um mundo com menos desperdício e mais criatividade, valorizando práticas sustentáveis e coletivas e estimulando a reflexão sobre consumo, descarte e as desigualdades que o lixo escancara.

A exposição conta com obras de artistas importantes da cena contemporânea. A lista de artistas participantes, com detalhes sobre as obras expostas, estão disponíveis no site: www.busaodasartes.com.br.

A experiência também propõe atividades educativas: durante a visita, educadores conduzirão oficinas lúdicas e reflexivas com materiais reaproveitados. Os estudantes também receberão um caderno de atividades para continuar explorando os temas da exposição na escola ou em casa.

AGENDA CULTURAL

POR LANNA SILVEIRA

Debatendo a arte do hip hop

O Clube Palmares de Volta Redonda receberá uma série de oficinas de hip hop, promovida pela Roda de Rima de Volta Redonda em parceria com o coletivo Ritmo & Correria, neste domingo (14), das 9h30 às 12h. Com entrada gratuita, as oficinas serão direcionadas para todos os públicos: de crianças e adolescentes, até agentes culturais, profissionais e entusiastas da cultura hip hop. As inscrições devem ser feitas pelo perfil: [@ritmoecorreria](https://www.instagram.com/ritmoecorreria).



Lucio Bernardo Jr/Agência Brasília

Apresentação de clássico infantil

O Teatro Gacemss, em Volta Redonda, apresentará o espetáculo “Aladdin, O Musical” neste sábado (13), em três sessões: 10h30, 15h e 19h. A peça, que promove uma reinterpretação do clássico infantil, é realizado pela companhia teatral Cria Teatro, em parceria com o Ballet Gacemss e com a escola de música Ars Musical. Os ingressos já estão disponíveis pela plataforma Ingresso Digital e também estarão a venda na secretaria do Teatro Gacemss.



Reprodução - Gacemss

Noite de calor latino

A Central Antenadu, em Volta Redonda, receberá a festa Outrorole neste sábado (13), a partir das 18h. A festa, que terá a temática “Baile”, oferecerá uma noite regada às sonoridades do funk bass, drum n’ bass, reggaeton, bubbling e voltmix. A line da noite contará com DJs notórios da cena Sul Fluminense, além de um nome carioca: Genesttra, Bea, Magro, Lis e Ellen Kellen (RJ). Os ingressos estão disponíveis pela plataforma Shotgun.



Diogo Carvalho

Celebração da cultura nerd

O Centro Cultural Fundação CSN, em Volta Redonda, receberá o encontro de cultura nerd AkaiCon2025 neste domingo (14), das 10h às 17h. O evento, que teve várias edições ao longo de 2025, apresentará as premiações finais das batalhas e apresentações de Cosplay, Games e K-Pop. O evento também contará com outras atrações e apresentações ligadas para todos os públicos. Os ingressos são gratuitos e devem ser retirados pela plataforma Sympla.



Reprodução/Redes Sociais

#cm

2

FIM DE SEMANA



Confira o lançamento de Jaca Beats, 'HardGroove di Cria'

PÁGINA 15



A região se despede de Fábio Fernandes, dono do Auê Clube

PÁGINA 14



Confira as atrações desse fim de semana pro Sul Fluminense

PÁGINA 16



Selton Mello num dos cartazes de divulgação desta versão nada sisuda de 'Anaconda' em que o brasileiro atua com Jack Black e Paul Rudd

‘É hora de expandir fronteiras’

Selton Mello estreia em Hollywood no Natal, com nova (e debochada) versão de ‘Anaconda’ e prepara direção de longa sobre ‘O Alienista’, filme chileno e mais uma temporada de ‘Sessão de Terapia’ no streaming

RODRIGO FONSECA | Especial para o Correio da Manhã

Apóstos, enfim, para realizar o sonho... antigo... de filmar (e protagonizar) “O Alienista”, de Machado de Assis, no papel de Simão Bacamarte, o mineiro Selton Mello terá um 2026 dos mais agitados profissionalmente. Seu 2024 foi mágico, com a projeção mundial de “Ainda Estou Aqui”, ganhador do Oscar em pleno carnaval deste ano, com 5,8 milhões de tíquetes vendidos só em solo nacional. Seu 2025 foi bombado também, à força dos 4,4 milhões de ingressos que ele e Matheus Nachtergaele venderam com “O Auto da Compadecida 2”, de janeiro a março. Os próximos dois semestres podem ser igualmente movimentados para

o astro, que é imã de bilheteria. Ele tem uma nova temporada da série “Sessão de Terapia” para levar ao Globoplay. Será visto atuando em Espanhol em “La Perra”, da diretora chilena Dominga Sotomayor. E vai comemorar os 20 anos de sua primeira experiência de ficção atrás das câmeras, o curta-metragem “Quando o Tempo Cair”, hoje disponível na plataforma MUBI. Antes disso tudo, no dia de Natal, 25 de dezembro, o eterno Chicó promete mobilizar o circuito exibidor – o do Brasil e dos EUA – com sua estreia no cinemão de Hollywood: a nova versão de “Anaconda”. Jack Black e Paul Rudd, astros com popularidade tamanho GG lá fora, estrelam a produção, que resgata o sucesso de bilheteria (trash como ele só) de 1997,

com Jennifer Lopez e Jon Voight. A cobra gigante das selvas amazonenses está de volta, mas em formato galhofa. “A coisa mais comovente para mim nesse projeto é o fato de eu ter passado toda a minha adolescência, dos 12 aos 20 anos, morando praticamente nos estúdios da Herbert Richers, dublando filmes de Hollywood, dublando Tom Hanks, Robert Downey Jr., Sean Penn, Griffin Dunne. Dublei todos pensando assim: ‘É isso. Eu nunca vou furar essa tela e estar lá do outro lado’. Mas, como a vida é bonita, o mundo girou, e agora estou eu num filme de Hollywood. E o que eu fui fazer agora? Fui me dublar”, conta Selton ao Correio da Manhã, numa entrevista via Zoom. **Continua na página seguinte**